

DESPEDIDA

Ato em homenagem a Cláudio Soares resgata militância solidária e de luta

FOTOJORNALISMO

Márcia Foletto ganha o Herzog com olhar sensível em "Mutilados"

MEMÓRIA

Vicente Alessi relembra a vida do jornalista e amigo David de Moraes

EM FOCO

Flavio Carrança e Rosane Borges recebem troféu Luiz Gama



Funeral do repórter cinematográfico Samer Abu Daqqa, da rede de TV Al Jazzera, em 16 de dezembro de 2023, morto em um ataque de drone israelense, enquanto registrava os danos causados por um bombardeio em uma escola em Khan Younis, na Faixa de Gaza

GUERRA AO JORNALISMO

PROFISSIONAIS DE IMPRENSA NA FAIXA DE GAZA SÃO ALVOS DE ISRAEL, QUE JÁ MATOU MAIS DE CEM JORNALISTAS. SINDICATO REPUDIA GENOCÍDIO EM CURSO E SE SOLIDARIZA COM PALESTINOS

EDITORIAL

DÓI, MAS SEGUIMOS EM FRENTE!

Querida leitora e querido leitor do *Unidade*, como devem ter percebido, desde outubro do ano passado, houve um hiato na publicação de nosso jornal. Podemos explicar alguns motivos para esse atraso, mas nenhum deles foi maior do que a perda de nosso companheiro Cláudio Soares, no dia 27 de outubro. Na página a seguir, temos uma justíssima (ainda que modesta) homenagem a ele, mas seria impossível não dedicar este Editorial à memória de um brilhante dirigente sindical e de um incansável batalhador da luta pela emancipação da classe trabalhadora.

Cláudio, que era secretário de Administração e Finanças desde 2018, tinha papel fundamental na organização de nosso Sindicato. Com calma, gentileza e extraordinária capacidade de trabalho, ele conseguia coordenar o funcionamento de nossa entidade de modo a superar diariamente a conjuntura que enfrentamos nesses últimos anos, resistindo ao governo Bolsonaro, à pandemia e aos sistemáticos ataques contra o movimento sindical e a todas e todos os jornalistas.

Como se não bastasse, Cláudio se dobrava em diferentes atividades para melhorar as ações do Sindicato e se aproximar cada vez mais de nossa categoria, visitando redações, participando ativamente das negociações com as empresas e compartilhando novas ideias e projetos com o objetivo de tornar a nossa entidade de um instrumento concreto de luta. De escrita precisa e edição correta, Cláudio era um grande jornalista, que ajudava a editar este *Unidade* e revisava cada palavra de nossa publicação antes de enviarmos o jornal para a gráfica. Cuidadoso como era, gostava de dizer que realizar a revisão das reportagens era praticamente um hobby!

Muito mais palavras seriam necessárias para reverenciar a memória de nosso companheiro à altura. Afirmar que o nosso Sindicato sofreu uma perda irreparável e que ainda demorará tempo para processar esse momento de luto é uma dura realidade. Mas sabemos também que a melhor maneira de honrar a vida de Cláudio Soares é seguir em frente, e dizer em alto e bom som que a luta continua e o Cláudio está presente para nos inspirar em nosso trabalho de organizar a categoria e lutar por salários, direitos e dignidade. Cláudio Soares, presente!

Violência contra a categoria diminui, mas ainda preocupa

Apesar dessa duríssima perda, os últimos meses foram de muita mobilização. Em dezembro, fechamos a Campanha Salarial de Rádio e TV, que apresentou grandes avanços em relação aos anos anteriores, com aumento real para todos os salários e o retorno da cláusula do quinquênio, garantindo um reajuste adicional para profissionais que trabalharam por cinco anos na mesma emissora. Diante da organização da categoria, conseguimos pressionar os

patrões para o estabelecimento de uma Comissão Paritária que discutirá temas para as relações de trabalho, como a introdução de uma cláusula que trate do combate ao assédio nas redações.

Por sinal, a dignidade nas condições de trabalho de nossa categoria foi um dos temas centrais no mês de janeiro, com a publicação do relatório anual produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) que contabiliza os casos de violência contra jornalistas no Brasil. Felizmente, a derrota eleitoral de Jair Bolsonaro teve consequência imediata para a melhora nas condições de trabalho: em 2023, foram registrados 181 casos de violência, uma queda de 51,85% em comparação aos 376 casos de 2022. Vale lembrar que de 2019 a 2022, Bolsonaro foi o principal agressor de nossa categoria, realizando 570 ataques a jornalistas. Apesar da notícia positiva, os dados indicam uma conjuntura ainda difícil para o livre exercício profissional: os casos de cerceamento à liberdade de imprensa a partir de ações judiciais tiveram um aumento de 92,3% em 2023, com 25 casos contabilizados de “assédio judicial”.

Junto da Fenaj e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), nosso Sindicato tomou uma importante medida em relação à defesa da categoria: em fevereiro, ingressamos com um pedido à presidência do Supremo Tribunal Federal para que sejam divulgados os nomes de jornalistas que foram espionados pela “Abin Paralela” durante os anos de governo Bolsonaro. É fundamental entender a extensão dos crimes cometidos e como esse ataque ao livre exercício profissional afetou, inclusive, o direito constitucional ao sigilo da fonte.

Jornalistas em luta, no mundo todo

Além dessas ações, o Sindicato também organizou atividades para dar luz a assuntos fundamentais que acontecem fora de nosso país. Diante do horror que diariamente nos confrontamos com as dezenas de milhares de mortes na Faixa de Gaza, com um número sem precedente na história recente de jornalistas assassinados (quase 100 profissionais palestinos morreram por ataques das forças israelenses, segundo dados da Federação Internacional dos Jornalistas), produzimos nesta edição do *Unidade* uma reportagem especial sobre o genocídio em curso na Faixa de Gaza.

No último dia 27 de fevereiro, nosso auditório abrigou um grande ato com o apoio de diferentes entidades jornalísticas para denunciar a morte de jornalistas por Israel, produzindo um documento que cobra de nosso governo federal ações efetivas para dar fim à matança, com a ruptura das relações diplomáticas com Israel enquanto não houver um cessar-fogo na região. Em momentos tão chocantes da história, não podemos ficar em cima do muro: denunciar os crimes cometidos em Gaza é também uma maneira de afirmar o jornalismo como fundamental para a livre circulação de informações.

O assassinato de centenas de jornalistas palestinos, o risco iminente de extradição de Julian Assange para os Estados Unidos (que, na prática, ocasionará em uma prisão perpétua simplesmente pela realização de seu trabalho jornalístico) e o recente fechamento da agência pública de notícias Télam, na Argentina, compartilham uma gênese em comum: os impérios, os poderosos e a extrema-direita empreendem todos os esforços possíveis para subjugar e calar a voz daqueles que ousam lutar por uma realidade distinta da que vivemos, com justiça, solidariedade e paz. Mas eles não serão bem-sucedidos nesse intento. Com todas as dores, mas com muita esperança, resistiremos e venceremos. ●

Direção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo



UNIDADE

ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

EXPEDIENTE

Diretor responsável Eduardo Viné Boldt
Jornalista Juliana Almeida **Edição de arte** Fábio Bosquê **Revisão** Flavio Carrança
Capa Bassam Masoud/Reuters

CONSELHO EDITORIAL

Cinthia Gomes, Décio Trujillo, Fábio Bosquê, Laerte Coutinho, José Hamilton Ribeiro, Juca Kfourri, Larissa Gould, Laurindo Lalo Leal Filho, Márcia Regina Quintanilha, Maria Inês Nassif, Mônica Zarattini, Pedro Zavitoski Malavolta e Rodrigo Vianna.

Artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal ou do SJSP.

Rua Rego Freitas, 530 - Sobreloja. CEP 01220-010. São Paulo - SP Tel: (11) 3217-6299

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente Thiago Tanji **Secretária-geral** Candida Vieira **Finanças e Administração** Cláudio Soares **Interior** Solange Santana **Comunicação e Cultura** Eduardo Viné Boldt **Relações Sindicais e Sociais** José Eduardo de Souza **Sindicalização** Lillian Parise **Jurídica e de Assistência** Larissa Gould **Formação Sindical e Profissional** Cristina Charão

DIRETORES DE AÇÃO SINDICAL

Alan Rodrigues, Paulo Zocchi, Rafael Benaque, Sérgio Kalili, Cláudia Tavares, Evany Sessa, Pedro Pomar, Ana Maria Minadeo, Joanne Mota, Laura Capriglione, Michele Barros, Solange Melendez

COMISSÃO DE REGISTRO E FISCALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL (CORFEP)

Cadu Bazilevski, Roberto Parizotti e Sérgio Pais

REGIONAIS

ABCD Vilma Amaro (diretora regional), Ana Valim, Peter Suzano
Bauru Camila Fernandes (diretora regional), André Freire, Ricardo Santana, Sérgio Borges, Tânia Brandão
Campinas Marcos Alves (diretor regional), Márcia Quintanilha, Reginaldo Cruz, Valério Paiva
Piracicaba Patrícia Sant'Ana (diretora regional), Adriana Ferezim, Gustavo Annunziato, Martim Vieira, Paulo Roberto Botão
Ribeirão Preto Sérgio Sampaio (diretor regional), Fernando Braga, João Moreira, Raphael Cruz Pena
Santos Sandro Thadeu (diretor regional), Carlos Norberto Souza, Daniela Origuella, Ernandes Caires de Sousa, Gustavo Miranda, Suely Torres
Sorocaba Pedro Courbassier (diretor regional), Adriane Mendes, Carolyn Fernandes
Vale do Paraíba, Litoral Norte e Mantiqueira Rita Dell Aquila (diretora regional), Edvaldo Almeida

CONSELHO FISCAL

Fábio Soares, José Augusto Camargo, Norian Segatto, Pedro Malavolta, Alexandre Linares

COMISSÃO DE ÉTICA

Eliane Gonçalves, Fábio Venturini, Franklin Valverde, Joel Scala e Rodrigo Ratier
Contato: comissaodeetica@sjsp.org.br

sjsp.org.br

unidade@sjsp.org.br

/JornalistasSP

/SindicatoJornalistasSP

@JornalistasSP

DESTAQUE



© JULIANA ALMEIDA

Marina Soares, filha de Cláudio, lê emocionada uma dentre tantas outras homenagens prestadas ao companheiro, no auditório Vladimir Herzog

EM MEMÓRIA DE CLÁUDIO SOARES: HOMENAGEM, EMOÇÃO E LEGADO DE UMA VIDA DE LUTA E COMPROMISSO JORNALÍSTICO

por Juliana Almeida

Recheado de histórias de luta e militância, um ato em memória ao jornalista Cláudio Soares, que nos deixou prematuramente aos 65 anos, ocorreu na noite de 07 de dezembro último, no auditório Vladimir Herzog. Cláudio Soares desempenhava a função de secretário de Finanças e Administração no Sindicato dos Jornalistas quando faleceu, em 27 de outubro, vítima de complicações decorrentes de um enfarte do miocárdio. Ele foi jornalista da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp), onde trabalhou por 28 anos.

A mesa da homenagem foi composta por Cláudia Tavares, jornalista e diretora do Sindicato; Thiago Tanji, presidente do SJSP; representando os trabalhadores da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Ana Minadeo; representando a corrente “O Trabalho” do Partido dos Trabalhadores e integrante da direção do SJSP, Paulo Zocchi; e representando a família de Cláudio Soares, seu irmão Marcos Soares.

Durante seu discurso, o presidente do sindicato emocionou-se ao lembrar com carinho a admiração pelo colega de diretoria e amigo. Ele destacou: ‘É importante, neste momento, chorar, nos abraçar e afirmar com firmeza e amor que a luta continua, e que a memória de Cláudio estará conosco para nos inspirar em nossas batalhas’.

Amigos e familiares lembraram suas histórias de vida e militância, exibindo um carrossel de fotos com seu inegável sorriso e registros de suas viagens pelo Brasil e pelo mundo.

Bianca Ramos, companheira de Marcos, irmão de Cláudio, falou em nome de sua mãe Joselita. : “Aos 9 anos, o levei ao dentista e depois do tratamento a dentista perguntou ao Cláudio o que ele queria ser quando crescer. Ele disse: ‘Jornalista’. Ela se admirou e falou que todo menino na

cidade queria ser médico ou advogado, nunca jornalista”.

Como tributo ao companheiro, a sala de Administração do sindicato passou a levar seu nome em homenagem à sua memória. Uma placa contando a trajetória de luta e militância de Cláudio, junto com uma fotografia do companheiro, foram instaladas na sala. Sua mãe, Joselita, sua filha, Marina Soares, e sua esposa, Simone, também receberam placas em honra à trajetória do jornalista.

Trajectoria

Na Escola de Comunicações e Artes da USP, na qual entrou em 1978, iniciou a militância política que nunca mais deixou. Na época, era bancário. Após a faculdade, trabalhou como revisor no *Estadão*, tendo se filiado ao Sindicato em novembro de 1985. Na gestão de Luiza Erundina (PT) na Prefeitura de São Paulo, iniciada em 1989, atuou como assessor de imprensa.

Nos anos 1990, morou no Rio de Janeiro, e trabalhou como assessor de imprensa de sindicatos. No retorno, tornou-se jornalista concursado da Imesp (incorporada pela Prodesp no governo Dória), onde permaneceu até o fim de sua vida.

Somou, então, mais de duas décadas de luta em defesa da Imprensa Oficial como um serviço público, republicano, necessário para os cidadãos. Neste período, foi um dos principais integrantes da Comissão de Jornalistas da Imprensa Oficial, organização sindical de base, no enfrentamento à política dos governos tucanos e do atual mandatário de liquidar o trabalho jornalístico no *Diário Oficial*, deixando de realizar concursos públicos e demitindo os jornalistas ao longo dos anos.

Recentemente foi o protagonista de uma vitória judicial em torno de sua liberação sindical, cuja base foi o entendimento de que o trabalho no *Diário Oficial do Estado* é jornalístico. É um ponto de apoio para prosseguirmos na luta para reconstruir esse importante serviço público.

Militante atuante no nosso Sindicato, integrou as chapas de Oposição de 2000, 2003 e 2006. A partir de 2009, exerceu o mandato de diretor sindical. Foi eleito secretário de Finanças e Administração em 2018, reeleito em 2021. Num cenário de dificuldades de sustentação das entidades sindicais, após a reforma trabalhista de 2017, foi o responsável pela busca de uma adequação da estrutura sindical à realidade orçamentária, e atuando sempre para ampliar as receitas com base num trabalho de organização da categoria.

Nunca abandonou sua atividade preferida, além do jornalismo, que era o contato com as(os) jornalistas nas redações, particularmente a sua, imprescindível para dialogar com a categoria e organizá-la na luta por uma vida melhor. ●

COMO TRIBUTAO COMPANHEIRO, A SALA DE ADMINISTRAÇÃO DO SINDICATO PASSOU A LEVAR SEU NOME EM HOMENAGEM À SUA MEMÓRIA

ENJAI 2023

ASSESSORIA DE IMPRENSA E OS DESAFIOS DA ATUALIDADE FORAM OS TEMAS DO 22º ENJAI

por Márcia Quintanilha

A bela cidade de Salvador, na Bahia, foi o cenário para a realização do 22º Encontro Nacional de Jornalistas de Assessoria de Imprensa (Enjai), que aconteceu entre os dias 16 a 19 novembro, no primeiro evento presencial pós pandemia, reunindo jornalistas de todo o Brasil, que trabalham em Assessoria de Imprensa e Comunicação. Com cerca de 250 participantes, além de jornalistas e assessores, reuniu dirigentes sindicais, professores e especialistas no tema, que discutiram o presente e o futuro do trabalho em um ambiente cercado pelo advento da pós-verdade, da internet e da inteligência artificial.

São Paulo foi representado no evento pelo presidente do sindicato e diretor da secretaria de mobilização, negociação salarial e direito autoral da Fenaj, Thiago Tanji; pelo secretário de finanças e vice-presidente nacional da Fenaj, Paulo Zocchi; e por Márcia Quintanilha, diretora de base da Regional Campinas e diretora da secretaria de mobilização dos jornalistas em Assessoria de Comunicação da Fenaj.

A cerimônia de abertura foi conduzida pelos anfitriões do evento, Moacyr Neves, presidente do Sinjorba, e Samira de Castro, presidenta da Fenaj, com as participações dos jornalistas André Curvello, secretário de Comunicação do Estado da Bahia; Renata Vidal, secretária de Comunicação de Salvador; Ernesto Marques, presidente da Associação Baiana de Imprensa (ABI); o vereador Augusto Vasconcelos (PCdoB), também presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia; Marlúcia Paixão, diretora de Finanças do Sindicato dos Servidores da Fazenda do Estado da Bahia (Sindsefaz), e Ivanilda Brito, presidenta do Sindsaúde Bahia e

secretária de Imprensa da CTB Bahia.

Na abertura do evento, a presidenta Samira de Castro reafirmou a necessidade de organização dos assessores de imprensa, atividade principal de 43,4% dos jornalistas brasileiros que atuam fora da mídia. A aprovação da PEC do Diploma, a atualização da regulamentação profissional, a taxação das plataformas digitais, a criação do Fundo de Apoio ao Jornalismo e a regulação das plataformas e da radiodifusão foram destaques na fala da presidenta, que as elencou como as principais lutas da Federação no momento.

A Conferência de Abertura ficou por conta do professor Boanerges Lopes (UFJF), com o tema “Inovação, Regulamentação, Precarização e Pós-Verdade nas Assessorias de Imprensa”. A transmissão da abertura do evento e a Conferência podem ter suas gravações acessadas neste link: <https://bit.ly/22enjai>

O Enjai produziu ao todo 50 horas de atividades; foram quatro minicursos, seis painéis temáticos, apresentação de três cases de comunicação em assessoria, duas conferências, duas plenárias e outros sete eventos (políticos, culturais, de lazer e confraternização) nos quatro dias de sua duração, além de uma grande festa na sede da ABI baiana.

A importância da Assessoria de Imprensa para o jornalismo nos tempos atuais

O primeiro Enjai aconteceu em Brasília, em 1984, já com a intenção de que fosse um espaço coletivo de discussão do fazer jornalístico em assessoria de imprensa, de construção e difusão do conhecimento e das práticas dos jornalistas assessores de imprensa, mas também de organização sindical do segmento. De lá para cá, os eventos foram crescendo, sempre divididos entre o viés profissio-



© ARISSON MARINHO

Ana Georgina, supervisora técnica regional da Bahia do Dieese, Paulo Zocchi, vice-presidente da Fenaj, e Marcos Perieto, secretário de Relações do Trabalho do Ministério do Trabalho

CONSEGUIMOS REAFIRMAR, POR MEIO DAS DISCUSSÕES NOS PAINÉIS E NA PLENÁRIA, QUE A ASSESSORIA DE IMPRENSA É SIM LUGAR DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO

nal e sindical. Uma das ações iniciais do primeiro Enjai foi a publicação do Manual de Assessoria de Imprensa, seguida pela criação das Comissões (Nacional e Estaduais) de Jornalistas Assessores de Imprensa, da inclusão da disciplina ‘Assessoria de Imprensa’ nos currículos dos cursos de Jornalismo. No congresso deste ano, um dos trabalhos realizados foi a atualização do referido Manual, como forma de atender às necessidades do segmento e às transformações tecnológicas e de modelo de negócio do mercado de trabalho em assessoria de imprensa.

A programação composta por painéis, cases e minicursos foi fundamental para ajudar a compreender o atual cenário que estamos vivendo nas relações profissional, sindical e trabalhista. Dois painéis trouxeram discussões que trataram da inovação, regulamentação e precarização e o sindicalismo no atual cenário brasileiro: “Desafios Sindicais após a Implantação da Contrarreforma Trabalhista” e a conferência de encerramento, “Sindicato do Futuro em um Cenário de Desemprego e Informalidade” debateram o aumento da precarização e de desemprego com a presença de representantes do Dieese, do Ministério do Trabalho e Emprego e do Fórum das Centrais Sindicais. As falas dos conferencistas buscavam discutir como fazer a recuperação de direitos em um quadro de precarização em que os trabalhadores se encontram. Mesmo após a eleição do presidente Lula, o atual cenário político é extremamente conservador, principalmente no Congresso, o que dificulta a adoção de uma série de medidas importantes para que se atue no restabelecimento dos direitos perdidos ao longo dos últimos anos. Em vista desses desafios, os painéis discutiram formas de atuação das entidades sindicais. As intervenções foram extremamente relevantes, como afirmou Paulo Zocchi,

© AYRTON VENÂNCIO



Márcia Quintanilha, diretora do SJSP e da Fenaj, e **Moacyr Neves** presidente do Sindicato dos Jornalistas da Bahia, durante o Enjai

vice-presidente da Fenaj. “As discussões foram importantes para aprofundar o difícil cenário que enfrentamos. A questão da mobilização, de dar ênfase na negociação coletiva e da necessidade de se dirigir também ao parlamento na via de retomar os direitos trabalhistas marcaram os debates, levantando questões extremamente importantes para o movimento sindical dos jornalistas e o movimento sindical no seu conjunto”.

A campanha “Assessor de Imprensa é Jornalista” também foi uma importante mobilização lançada durante o evento, junto com a Campanha Nacional Salarial Unificada dos jornalistas. “A realização do Enjai em Salvador marca a reorganização da luta pelos direitos dos assessores de imprensa em nível nacional. Tivemos cerca de 250 participantes, entre delegados e observadores, de todas as regiões do país. E conseguimos reafirmar, por meio das discussões nos painéis e na plenária, que a assessoria de imprensa é sim lugar de produção de informação de interesse público e, portanto, local de trabalho de jornalistas”, reforçou a presidenta da Fenaj, Samira e Castro.

Após esses momentos importantes de conhecimento, de formação e mobilização, aconteceu a Plenária Final do 22º Enjai, onde os delegados eleitos pelos sindicatos debateram e aprovaram as três teses propostas pela diretoria da Fenaj: “Os desafios dos Jornalistas num cenário complexo”, “Assessoria de Imprensa e os Desafios da Atualidade” e “Nova Regulamentação da Profissão de Jornalista como instrumento de Combate à Precarização”. Todas foram aprovadas e poderão ser acessadas no site da Fenaj: www.fenaj.org.br ou no site do evento: www.enjai.com.br. No encerramento, foram aprovadas moções apresentadas pelos delegados e delegadas e a Carta de Salvador. ●

Carta de Salvador

Assessor(a) de imprensa é jornalista!

Reunidas e reunidos na cidade de Salvador, Bahia, de 16 a 19 de novembro de 2023, as e os participantes do 22º Encontro Nacional de Jornalistas em Assessorias de Imprensa (Enjai) vieram de todas as regiões do Brasil para celebrar o reencontro presencial entre companheiras e companheiros, debatendo temas fundamentais para o futuro de nossa categoria em um novo horizonte que se abre no país. Sobrevivemos a uma pandemia, que vitimou centenas de milhares de brasileiras e brasileiros e nos obrigou a realizar atividades virtuais. Resistimos durante quatro anos às ações obscurantistas e autoritárias de um governo que sustentou um projeto fundamentado na morte e na destruição da soberania nacional, dos direitos trabalhistas, dos valores de solidariedade e humanismo, e que considerava a categoria de jornalistas como inimiga.

Mas vencemos. Lutamos de maneira histórica para garantir a derrota eleitoral de Jair Bolsonaro e a vitória de um projeto democrático e popular liderado por Luís Inácio Lula da Silva. Neste sentido, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e seus 31 sindicatos filiados tiveram papel protagonista. Defendemos de maneira determinada o livre exercício profissional de nossa categoria, ameaçado por grupos antidemocráticos liderados pelo candidato derrotado, e reafirmamos o trabalho jornalístico como essencial para a defesa da democracia.

A vitória eleitoral e o início do processo de reconstrução de nosso país, entretanto, não escondem as enormes dificuldades que enfrentamos. A tentativa de golpe de Estado no dia de 8 de janeiro — que teve a imprensa como um dos alvos principais dos criminosos golpistas — e as dificuldades em avançar na retomada de direitos perdidos desde o golpe contra a presidenta Dilma, em 2016, reafirmam nossas tarefas de permanente mobilização e aprimoramento da organização para lutar por nossa categoria, resgatar a dignidade da classe trabalhadora e solucionar desigualdades históricas, incluindo temas como a justiça fiscal.

É preciso denunciar ainda que o ataque ao trabalho jornalístico persiste, como a recente e absurda sentença judicial que condenou a jornalista Schirlei Alves, em Santa Catarina, simplesmente por cumprir sua atividade profissional.

As enormes contradições que se avolumam em nosso país e no restante do planeta, como o avanço das guerras (notadamente, do genocídio contra a população palestina e do assassinato de jornalistas em Gaza) e da emergência climática, também

se somam a uma crise estrutural de nossa própria atividade profissional. O horizonte do jornalismo é mais de dúvidas do que de certezas, consequência direta do avanço neoliberal de ataque ao trabalho, com plataformas tecnológicas que se constituem como oligopólios e se apropriam do trabalho do jornalista sem as devidas contrapartidas de remuneração e respeito aos direitos da categoria.

Tais plataformas incentivam um ambiente em que produtores de conteúdo disseminam fake news e desinformação à exaustão, distorcendo o conceito da liberdade de expressão. Neste cenário, são imprescindíveis a atuação ética e responsável das e dos jornalistas, que deem voz ao contraditório e ao pluralismo, essenciais em uma sociedade democrática, e o fortalecimento do ensino de Jornalismo e das cadeiras de assessoria de imprensa.

O desenvolvimento das plataformas digitais possibilita também às empresas e aos órgãos de governo a manutenção de canais para se comunicar diretamente com seus públicos. Em tal contexto, que possibilitaria a ampliação do mercado de trabalho para jornalistas, via assessorias de imprensa, o que se verifica na prática é justamente o contrário: a categoria sofre com o avanço das demissões, da precarização das relações de trabalho e da falta de reconhecimento das empresas à atividade jornalística.

Mas como ficou claro nos dias de debate deste 22º Enjai, não temos dúvidas em afirmar em alto e bom som: assessor(a) de imprensa é jornalista! E, portanto, as e os trabalhadores desta categoria devem contar com direitos regulamentados em Convenção Coletiva negociada pelos sindicatos, lutando pelo fim da “pejotização” e das diferentes maneiras de retirar direitos e precarizar essa atividade profissional. Atualmente, 43,4% dos jornalistas trabalham em assessorias de imprensa e devem ser integrados às lutas das entidades sindicais.

É por conta disso que a Fenaj e seus sindicatos filiados entendem como tarefas fundamentais a luta para que o diploma de jornalista volte a ser critério fundamental para o acesso à nossa profissão, garantido por uma PEC que está pronta para ser votada na Câmara dos Deputados e só depende da vontade política dos congressistas de nosso país e da pressão que a categoria possa exercer. Bem como devemos avançar no diálogo com o governo brasileiro para a discussão da taxação das plataformas digitais e a criação de um Fundo de Apoio ao Jornalismo, projeto formulado pela Fenaj e que tem importância central para a sustentabilidade do jornalismo e da nossa profissão nos próximos anos.

Como podemos notar, não são poucas as tarefas que temos adiante. Precisamos de sindicatos e de uma Federação fortes e que avancem cada vez mais no companheirismo e na unidade para que as lutas da categoria tenham caráter nacional e unificado. Desta maneira, devemos manter diálogo constante com a categoria presente em todos os locais de trabalho, seja nas redações ou nas assessorias de imprensa, bem como integrando profissionais que se encontram hoje em novos arranjos produtivos. Todas e todos os jornalistas devem se somar na luta que reafirma o papel essencial do jornalismo e da nossa profissão para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, digna e que tenha a classe trabalhadora como protagonista de seu futuro.

Salvador, 19 de novembro de 2023

PALESTINA

O auditório Vladimir Herzog, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP), lotou em 27 de fevereiro, no Ato contra o Massacre de Jornalistas Palestinos. Diante das 30 mil mortes de palestinos, naquele momento após 144 dias de bombardeios sobre uma população civil indefesa, e dos mais de cem jornalistas mortos em menos de quatro meses de conflito, a atmosfera do ato foi de grande tensão e emoção, com falas de dirigentes de entidades dos jornalistas e de representantes da comunidade palestina no Brasil.

Além do Sindicato, entre as entidades organizadoras estavam a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), a ABI (Associação Brasileira de Imprensa), a CUT (Central Única dos Trabalhadores), o Cebrapaz (Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz) e a Fepal (Federação Árabe Palestina do Brasil).

Na abertura do ato, Thiago Tanji, presidente do Sindicato, reportou os dados da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), dando conta de que, desde 7 de outubro, haviam sido mortos 4 jornalistas israelenses – enfatizando que essas mortes devem ser repudiadas e lamentadas pela sociedade e pelas entidades de jornalistas –, bem como 3 jornalistas libaneses e mais de 100 jornalistas palestinos (veja na página 8). Tanji explicou que não é possível tratar o que vem ocorrendo na Faixa de Gaza como um conflito entre duas forças bélicas regulares: “Estamos falando aqui de uma sistemática política coordenada por Israel de apagar o povo palestino do mapa, tentando desumanizar as tantas e tantas vítimas de ataques por terra e dos bombardeios israelenses. Como jornalistas, precisamos explicar com clareza para a sociedade que, quando companheiras/os denunciam uma ideologia supremacista sionista – que lamentavelmente embasa a política do Estado de Israel –, não é correto realizar uma associação automática à religião judaica e aos membros desta comunidade.”

Ualid Rabah, presidente da Fepal, destacou que acontece na Faixa de Gaza a maior matança de jornalistas da história das guerras, e que matar jornalistas, em seu modo de ver, significa tentar apagar da face da Terra as testemunhas privilegiadas de um genocídio, para que as provas e indícios dos “crimes de lesa-humanidade” desapareçam.

Ao comentar a perseguição que figuras públicas estão sofrendo no Brasil por denunciarem as ações do sionismo, Rabah afirmou: “É o primeiro crime de genocídio programado e incitado a partir dos veículos de comunicação, o que ocorreu já em 7 de outubro. Nunca houve – senão o que foi registrado no continente africano, em Ruanda. E lá, sentaram nos



© CADU BAZILEVSKI

O presidente do Sindicato, Thiago Tanji, faz a abertura do ato contra o assassinato de jornalistas na Faixa de Gaza

SINDICATO SOLIDÁRIO AO POVO PALESTINO

ATO LOTA AUDITÓRIO DO SINDICATO E ADOTA MANIFESTO PELA RUPTURA DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM ISRAEL

“ESTAMOS FALANDO AQUI DE UMA SISTEMÁTICA POLÍTICA COORDENADA POR ISRAEL DE APAGAR O POVO PALESTINO DO MAPA, TENTANDO DESUMANIZAR AS VÍTIMAS DE ATAQUES POR TERRA E POR BOMBARDEIOS”

bancos dos réus os grandes veículos de comunicação.”

Soraya Misleh, filha de palestinos e coordenadora da Frente em Defesa do Povo Palestino, afirmou que esse genocídio atravessa décadas: “Essa não é uma guerra pontual ou de circunstâncias, não é uma guerra Hamas x Israel, é um genocídio, como parte da tentativa de solução da nova fase da Nakba, a catástrofe, cuja pedra fundamental é a formação do Estado racista e colonial de Israel em 1948, mediante uma limpeza étnica planejada.”

Paulo Zocchi, vice-presidente da Fenaj, destacou que, no massacre em curso na Faixa de Gaza, os jornalistas são um alvo específico, que o Estado de Israel persegue. Em seguida, defendeu a declaração do presidente Luiz Inácio Lula da Silva classificando como genocídio os acontecimentos na Faixa de Gaza, e disse que, para barrar o prosseguimento do massacre, é

preciso dar um passo além: o fim de todos os acordos militares, comerciais e educacionais com os israelenses, e a ruptura de relações diplomáticas com Israel, com a intenção de isolar internacionalmente o estado sionista.

Fechando o ato, Breno Altman, jornalista do portal noticioso *Opera Mundi*, que vem sofrendo ataques e tentativa de censura por parte de organizações sionistas no Brasil, deu destaque à valentia heroica e insurgente do povo palestino. Para Altman, esse processo deve inspirar a todos na luta contra o colonialismo e racismo, que só podem ser derrotados com a luta dos povos.

No encerramento do ato, Tanji leu o Manifesto dos Jornalistas Brasileiros condenando o genocídio na Faixa de Gaza, apresentado pelas entidades organizadoras do evento, e que será direcionado ao governo brasileiro (leia na próxima página). ●

MANIFESTO DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

ISRAEL, PARE DE MATAR JORNALISTAS PALESTINOS! CESSAR-FOGO JÁ! BASTA DE GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO!

Ilmo. sr. Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva
 Ilmo. sr. Ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, Paulo Roberto Severo Pimenta
 Ilmo. sr. Ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira
 Ilmo. sr. Assessor-Chefe da Assessoria Especial da Presidência da República, Celso Luiz Nunes Amorim
 Ilmo. sr. Ministro da Defesa, José Mucio Monteiro Filho
 Ilmo. sr. Ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski
 Ilmo. sr. Ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida

Nós, abaixo-assinados, estamos hoje reunidos no Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo realizando o **Ato Contra o Massacre dos Jornalistas na Faixa de Gaza**. Nos encontramos no auditório que homenageia o jornalista judeu Vladimir Herzog, assassinado sob tortura pela ditadura militar, em crime bárbaro que até hoje continua impune.

Na data de hoje, 27 de fevereiro de 2024, o Estado de Israel bombardeia implacavelmente a Faixa de Gaza há 144 dias, matando até o momento cerca de 30 mil palestinos e palestinas, incluídas mais de 12 mil crianças. Há dez dias, o presidente Lula, em Adis-Abeba, capital da Etiópia, disse a verdade que o mundo precisava ouvir: “Na Faixa de Gaza, não está acontecendo uma guerra, mas um genocídio”. Lula tem razão! Vemos diariamente as Forças Armadas mais bem equipadas

e treinadas do Oriente Médio atacando crianças e mulheres numa ação explícita de extermínio do povo palestino.

Os jornalistas, no exercício de sua atividade profissional, têm sido alvos específicos da máquina de guerra. A atividade jornalística de simplesmente documentar e reportar fatos mostra-se intolerável para o Estado de Israel. Segundo a Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), nestes 144 dias de ataques contra Gaza, mais de 100 jornalistas foram assassinados(as). No Estado de Israel e nos territórios palestinos ocupados, há dezenas de jornalistas na prisão, na maior parte dos casos sem qualquer acusação. É uma situação sem precedentes de ataque à atividade jornalística, atestado tanto pela FIJ como pelo Comitê de Proteção a Jornalistas (CPJ) e outras organizações de defesa da liberdade de imprensa. Ao longo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pelos dados



© EDGAR VASQUES

Charge da exposição *Sinta-se em Gaza* cedidas para esta edição

disponíveis, foram mortos 69 jornalistas.

No Brasil, entidades vinculadas ao Estado de Israel tentam censurar vozes contra o genocídio em curso, como se vê nos ataques ao jornalista Breno Altman, diretor do site noticioso Opera Mundi. É o caso também das ameaças à vida do jornalista Andrew Fishman, editor do site noticioso Intercept Brasil. Ambos merecem solidariedade, apoio e defesa das entidades democráticas e das que representam os jornalistas.

Nós, jornalistas e entidades do jornalismo brasileiro, nos manifestamos pelo cessar-fogo imediato na Palestina e pelo fim do bloqueio à Faixa de Gaza. Apoiamos a decisão do governo brasileiro de convocar ao Brasil o embaixador brasileiro em Telaviv, Frederico Meyer. Repudiamos os ataques do governo israelense ao Brasil e ao presidente Lula, cujas declarações foram não só corretas, como imprescindíveis.

O Estado de Israel é estruturado por um complexo industrial-militar conectado aos interesses dos Estados Unidos e da União Europeia no Oriente Médio. O Estado brasileiro destina volumosos recursos financeiros para acordos militares de cooperação das Forças Armadas, modernização de equipamentos bélicos e aquisição de insumos de guerra e segurança pública, incluindo treinamento e capacitação da Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e polícias estaduais.

Os métodos israelenses de repressão a protestos populares ensinados nas academias policiais no Brasil, bem como seus respectivos equipamentos, colaboram para que jornalistas sejam alvos de violência policial quando realizam seu trabalho na cobertura de manifestações. Conclamamos o governo brasileiro a aderir à **Campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções a Israel** e, assim, romper todos os acordos e convênios com a indústria militar e as instituições israelenses.

A situação exige que o **Brasil rompa relações diplomáticas com o Estado de Israel** até o cessar-fogo definitivo na Palestina.

É necessário barrar o genocídio imediatamente! ●

Primeiros signatários:

Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo

Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)

Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

Federação Árabe Palestina do Brasil (Fepal)

PALESTINA

ISRAEL ASSASSINA MAIS DE 100 JORNALISTAS EM GAZA E NÃO PARA

Terrorismo de Estado do regime sionista define como alvos grupos profissionais específicos, como socorristas, médicos e profissionais de mídia

por Pedro Pomar

Mais um funeral de um jornalista palestino ocorreu em 5 de março, desta vez na região central da Faixa de Gaza. Muhammad Salama, âncora do canal de TV palestino Al Aqsa, e toda a sua família foram assassinados quando aviões de guerra israelenses atacaram sua casa, na cidade de Deir al-Balah. Menos de duas semanas antes, nessa mesma região, foram assassinados dois outros jornalistas: Mohammad Yaghi e Musab Abu Zaid.

Tais mortes não são acidentais. O regime sionista de Tel Aviv considera jornalistas e outros profissionais de mídia como inimigos – e usa seus sofisticados equipamentos bélicos para localizar e eliminar esses alvos. Já vinha fazendo isso na história recente da colonização da Palestina, como atesta o impune assassinato da conhecida jornalista Shireen Abu Akleh, da TV Al Jazeera, em maio de 2022 na Cisjordânia.

O genocídio em Gaza, porém, revelou ao mundo que a liderança sionista optou pelo terrorismo aberto contra jornalistas. Os números variam conforme a fonte, mas não resta dúvida de que Israel promoveu e continua cometendo um assassinato em massa de jornalistas, mesmo depois que o Tribunal de Haia, julgando o processo aberto pela África do Sul, determinou em 26 de janeiro ao país suspender as ações bélicas contra civis.

“Pelo menos 98 jornalistas e trabalhadores da mídia palestinos foram mortos, vários ficaram feridos e outros estão desaparecidos durante a guerra em Gaza. A Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) e o Sindicato dos Jornalistas Palestinos (PJS) condenam os assassinatos e os ataques contínuos a jornalistas”, declarou em 3 de março a FIJ, que exige “uma investigação imediata sobre suas mortes”. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo é filiado à Federa-

ção Nacional de Jornalistas (Fenaj), que por sua vez é filiada à FIJ.

O Comitê de Proteção a Jornalistas (CPJ), respeitada entidade sediada em Nova York, fornece números próximos. “Em 6 de março de 2024, as investigações preliminares do CPJ mostraram que pelo menos 95 jornalistas e trabalhadores da mídia estavam entre os mais de 30 mil mortos desde o início da guerra, em 7 de outubro”, relata seu site. Entre as mortes confirmadas, 90 são palestinos e palestinas, dois são israelenses e três libaneses (uma mulher entre eles). Além disso, “16 jornalistas ficaram feridos”, outros quatro “foram dados como desaparecidos” e 25 “foram presos”.

Por sua vez, o Gabinete de Comunicação Social de Gaza, órgão pertencente ao governo local, já estima em 133 o número de jornalistas assassinados por Israel desde 7 de outubro de 2023.

O CPJ divulgou um extenso e detalhado relatório sobre as agressões sofridas pelos jornalistas palestinos por parte de Israel desde outubro passado. Ele merece ser conhecido, para que se tenha uma noção mais nítida da violência contra nossos colegas palestinos e palestinas. Um dado importante: pelo menos 14 jornalistas mulheres foram assassinadas por Israel. Pelo menos duas perderam a vida depois do veredito de Haia.

Vejamos o que diz o relatório sobre Mohammad Yaghi, que citamos no início desta matéria: “Yaghi, fotojornalista freelancer de 30 anos que trabalhava com vários meios de comunicação, incluindo a Al-Jazeera, foi morto em um ataque aéreo israelense [...] junto com 36 membros da família, incluindo sua esposa e filha”.

Recuemos alguns dias, para 12 de fevereiro de 2024, quando ocorreu a morte de duas profissionais, Alaa Al-Hams e Angam Ahmad Edwan. Al-Hams, uma jornalista palestina de 35 anos, da agên-



© AHMAD ALZOUBI

O jornalista Wael al-Dahdouh perdeu a esposa, os filhos e um neto em ataque de Israel. Ferido, hoje se encontra em Doha, sob cuidados médicos

cia local SND, “sucumbiu aos ferimentos depois de ser gravemente ferida em um ataque aéreo israelense à casa de sua família na cidade de Rafah [...] que resultou na trágica perda de dez membros de sua família em 2 de dezembro de 2023”. Edwan, que trabalhava para um canal de TV líbio, “foi morta em um ataque aéreo israelense contra a sua casa em Jabalia, no norte da Faixa de Gaza”.

Na véspera, Yasser Mamdouh El-Fady, jornalista de 40 anos da agência de notícias Kan’an, afiliada à Jihad Islâmica, “foi morto por um atirador [militar] israelense no hospital Nasser, em Khan Yunis”.

Em 8 de fevereiro de 2024, Nafez Abdel Jawad, diretor da estação oficial de televisão Palestina TV, foi morto junto com o filho em um ataque com mísseis israelenses à casa onde estavam hospedados, em Deir al-Balah. “Além disso, os mísseis mataram 14 pessoas, incluindo cinco crianças”, diz o relatório do CPJ, que nesse caso traz uma informação muito especial: a cínica explicação de Israel sobre essas mortes. Respondendo à emissora norte-americana CNN sobre o assassinato de Jawad, as Forças de Defesa de Israel (IDF) afirmaram que “tomam todas as medidas operacionalmente viáveis para mitigar os danos aos civis, incluindo jornalistas”, que as IDF “nunca tiveram e nunca terão como alvo deliberado os jornalistas” e, finalmente,

que “não têm conhecimento de quaisquer ataques naquelas coordenadas”.

Um dos tópicos do relatório do CPJ, de autoria de Mohamed Mandour, é denominado “Múltiplas agressões, ameaças, ataques cibernéticos, censura e assassinatos de familiares”. Ele descreve as circunstâncias de alguns casos marcantes que vale a pena citar: “Em 13 de novembro de 2023, oito familiares do fotojornalista Yasser Qudih foram mortos quando a sua casa no sul de Gaza foi atingida por quatro mísseis. O incidente ocorreu cinco dias depois de uma reportagem, de 8 de novembro, do *HonestReporting* – grupo que monitora o que descreve como ‘preconceito ideológico’ na cobertura da mídia sobre Israel – ter acusado Qudih e três outros fotojornalistas baseados em Gaza de terem conhecimento prévio do ataque do Hamas em 7 de outubro. Os principais meios de comunicação, incluindo a Reuters, rejeitaram as alegações”, explica Mandour.

“O *HonestReporting* posteriormente retirou as acusações, mas o seu relatório levou o gabinete do primeiro-ministro de Israel a tuitar que os fotógrafos eram cúmplices de ‘crimes contra a humanidade’, e o membro do gabinete de guerra israelense, Benny Gantz, a dizer que deveriam ser tratados como terroristas. Qudih sobreviveu ao ataque”.

Outro caso mencionado por ele é mais conhecido: Wael Al Dahdouh, chefe da sucursal da Al-Jazeera em Gaza, perdeu esposa, filho, filha e neto quando um ataque aéreo israelense atingiu o campo de refugiados de Nuseirat. “Em 7 de janeiro, (ele) perdeu um quinto membro da família. Seu filho, Hamza Al Dahdouh, jornalista e cinegrafista da Al-Jazeera, foi morto com um colega, ao voltarem a Rafah, depois de filmar as consequências de um ataque aéreo, quando seu veículo foi atingido pelas IDF.”

© MIGUÉL PAIVA



Charge da exposição *Sinta-se em Gaza* cedidas para esta edição

MÍDIA BRASILEIRA É CÚMPLICE DO GENOCÍDIO

por José Arbex Jr.

O presidente Luis Inácio Lula da Silva (PT) é um notório antissemita, isso é evidente. Como é possível comparar um judeu – no caso, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu – a Adolf Hitler? Isso é um ultraje, um insulto a todos os judeus do planeta. Lula deve desculpas ao povo judeu, ao Estado de Israel e a Netanyahu.

Com variações de tons, ênfases discursivas, arroubos retóricos e lógica argumentativa, toda a “grande mídia” – ou mídia comercial, ou mídia corporativa, ou mídia controlada pela meia dúzia de famílias proprietárias, ou qualquer outro nome que se queira dar às empresas que monopolizam a informação no Brasil – carregou nas tintas contra Lula, como reação às suas afirmações, feitas durante uma coletiva de imprensa em Adis Abeba, na Etiópia, em 18 de fevereiro último.

Na ocasião, Lula comparou a ação de Israel na Faixa de Gaza aos massacres de judeus organizados por Hitler. Não disse nada de realmente novo. Ao contrário, suas palavras estavam em consonância com o despacho de 26 de janeiro de 2024 da Corte Internacional de Justiça (CIJ), principal braço judiciário das Nações Unidas, que constatou indícios de prática de genocídio por parte das forças israelenses, e determinou medidas para evitar a matança de civis palestinos, incluindo crianças, mulheres, idosos e feridos.

Falsificando os fatos, como é de hábito, Netanyahu ofereceu a senha para os ataques a Lula: é um ultraje comparar o que acontece em Gaza ao Holocausto. A “grande mídia” comprou e reproduziu a acusação, assumida de forma oportunista por políticos de um amplo espectro ideológico, incluindo o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e – pasmem – Jaques Wagner (BA), líder do PT na casa. Todos querem ficar bem com a Rede Globo, certo?

Lula jamais usou o termo “holocausto” em Adis Abeba. Lula expressou uma posição correta, honesta, transparente, verdadeira e solidária para com o povo palestino. Netanyahu e seus ministros introduziram a expressão, de forma proposital, cruel e maliciosa, para embananar o debate e mascarar o genocídio. A mídia e parte dos políticos (que entraram até com pedido de impeachment do presidente, proposto por ninguém menos que a deputada Carla Zambelli, aquela da pistola) se mostraram mais “indignados” com a “acusação” de Lula do que com o massacre propriamente dito na Faixa de Gaza. Aliás, Jaques Wagner, para ser coerente, deveria apoiar a iniciativa de Zambelli.

Não foi a primeira vez, nem terá sido a última, que a mídia brasileira age como porta-voz do sionismo no Brasil. Basta evocar a “cobertura” do já histórico ataque promovido pelo Hamas, em 7 de

outubro de 2023. Segundo as versões invariavelmente propagadas pela “grande mídia”, o “grupo terrorista” Hamas é o responsável por uma atrocidade da pior espécie, cometida com requintes de extrema crueldade e perversão. Não há qualquer dúvida possível. Aliás, o ato de levantar questões a esse respeito é, por si só, prova de um macabro antissemitismo.

Mas até uma parte da imprensa israelense oferece outra possível interpretação dos fatos. Em 19 de novembro de 2023, por exemplo, o *Haaretz*, um dos principais jornais do país, publicou denúncias de um oficial da polícia israelense, segundo o qual parte das vítimas que participavam da festa rave *Supernova* foi assassinada por disparos de metralhadora feitas a partir de um helicóptero israelense (atenção: jornal israelense, polícia israelense, helicóptero israelense). Mais ainda: emissoras locais de rádio e posts nas redes sociais feitos por moradores de kibbutzim atingidos publicaram depoimentos atestando que suas casas foram demolidas por projéteis disparados por tanques israelenses, não pelo Hamas.

Ninguém encontrará nada disso nos jornais brasileiros, muito menos na Rede Globo e outras emissoras. Ou, se encontrar, será em artigos de opinião, ou nos programas de menor audiência na TV a cabo, aqueles programados para as 23 horas ou mais tarde, destinados a um público “de elite”. A mídia brasileira não faz uma cobertura dos fatos na Faixa de Gaza. Faz pura e simples propaganda sionista.

Mesmo algumas das corporações midiáticas mais importantes dos Estados Unidos – incluindo a rede CNN, *The New York Times*, *The Washington Post* e outros – deixam, de vez em quando, escapar notícias e comentários que mostram relances da verdadeira face do nazi-sionismo, certamente para não

perder a credibilidade junto a uma opinião pública cada vez mais indignada e mobilizada graças às redes sociais, em especial jovens e organizações democráticas e progressistas, entre os quais grupos judaicos estadunidenses.

Em 8 de janeiro, por exemplo, Jack Tapper, um dos principais âncoras da CNN – que se diz “judeu, com muito orgulho” e quase sempre se alinha com as posições da Casa Branca – atacou o ministro israelense das Finanças, Bezalel Smotrich, por dizer que “2 milhões” de moradores da Faixa de Gaza são nazistas. “Dois milhões correspondem à população de Gaza. Então, pensem nisso por um momento. Dois milhões de ‘nazis’ em Gaza? Bebês de dois, três anos de idade, idosos, todos nazistas?”

No Brasil, em contrapartida, a Globo “explica” que o genocídio infantil se deve ao fato de que as famílias palestinas são muito numerosas e isso torna inevitável que as bombas atinjam um maior número de crianças. Não é óbvio?

Claro que há explicações para o comportamento vergonhoso, deplorável e indefensável da mídia brasileira e de boa parte de seus “analistas”, “especialistas” e “comentaristas”, alguns regimento pagos para distribuir afirmações dementes e criminosas. Este não é o espaço para entrar com detalhes nessa discussão, de resto importante e necessária. Mas a presença de um número impressionante de bandeiras de Israel no ato em defesa de Jair Bolsonaro, em fevereiro, indica um caminho de reflexão.

A defesa do sionismo por parte da extrema direita e de grupos evangélicos pentecostais, dos quais Silas Malafia é um ilustre representante, tornou-se um ponto programático da articulação da oposição ao governo Lula, cuja existência, de resto, já foi exposta pelo embaixador de Israel, Daniel Zonshine, que multiplica gestos de provocação ao Planalto. Os senhores da mídia, certamente, sabem o que está em jogo. A absurda tendenciosidade da “cobertura” não é casual nem inocente. A mídia é cúmplice ativa do genocídio. Um preço será cobrado por isso.

E conhecemos a história: daqui a quatro décadas, a Rede Globo e assemelhados, se ainda existirem, soltarão editoriais reconhecendo e lamentando o “erro”. Então, tá. ●

PALESTINA

ENTREVISTA - MUSA AL-SHAER

“ISRAEL TEM OS JORNALISTAS PALESTINOS COMO ALVO DELIBERADO”

O jornalista Musa Al-Shaer ficou mundialmente conhecido pela incrível foto de um menino palestino atirando uma pedra em um enorme tanque de guerra que avançava em sua direção, tirada no campo de refugiados de Dheisheh, na Cisjordânia, em 2002. Com mais de 40 anos de profissão como repórter, fotógrafo e cinegrafista, e trabalhos para a rede televisiva japonesa NHK e as agências noticiosas France Presse e Reuters, entre outras, é também dirigente há longa data do Sindicato dos Jornalistas Palestinos. Em meio à emergência humanitária enfrentada pelo povo palestino no atual momento, dispôs-se a dar essa entrevista para o jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.

Como os jornalistas na Palestina estão trabalhando para trazer informações ignoradas pela grande mídia internacional?

Musa Al-Shaer Historicamente, a mídia ocidental – e a estado-unidense, em particular – tem a tendência de adotar a narrativa do estado invasor, Israel, no contexto do conflito Palestina-Israel, e de tentar retratar o povo palestino como a parte agressora contra o estado invasor, fugindo sistemática e deliberadamente da realidade desse conflito, iniciado há mais de cem anos, com a Declaração de Balfour (1). Esse documento adotava o compromisso com o estabelecimento de uma pátria judaica na Palestina, promessa que refletia a decisão das potências coloniais da época (Grã-Bretanha, França, Itália, Holanda, Bélgica, Espanha) de criar uma entidade funcional na região

árabe para servir a seus objetivos coloniais de tomar os recursos da nação árabe e mantê-la fraca, desunida e ignorante.

Desde o primeiro dia da agressão israelense contra o nosso povo, a partir de 7 de outubro de 2023, vimos a narrativa lançada pelos líderes da ocupação dominar a mídia de fora sistemática. Narrativa que é distante da verdade, cheia de mentiras e alegações que mais tarde foram expostas como fabricadas, a serviço de seus objetivos não declarados – reocupar a Faixa de Gaza, especialmente a porção norte, para controlar as reservas de gás descobertas em sua costa, e criar o canal Ben Gurion entre o mar Vermelho e o mar Mediterrâneo, como uma alternativa ao Canal de Suez. Isso necessariamente exige o deslocamento da população da Faixa de Gaza. Esse é o motivo pelo qual se vê essa guerra contra o nosso povo, expresso no genocídio, na limpeza étnica



© FOTOS: MUSA AL-SHAER

Repórter Musa Al-Shaer (à esq.), dirigente do Sindicato dos Jornalistas Palestinos e autor da imagem abaixo: menino palestino enfrenta tanque de Israel em 2002 na Cisjordânia



e na fome, somados à inviabilização de todos os aspectos da vida na Faixa de Gaza, por meio da destruição da infraestrutura de atendimento à população, como hospitais, escolas, universidades, templos, eletricidade, comunicação, água e saneamento, construções residenciais.

O Sindicato dos Jornalistas Palestinos e jornalistas de todo o mundo trabalham com toda a sua energia e força para refutar a narrativa transmitida pela mídia controlada por potências coloniais, organizações judaicas e o lobby sionista, reportando ao vivo os fatos que acontecem na região e os crimes cometidos pela ocupação, especialmente os crimes contra jornalistas palestinos, que trabalham em condições muito perigosas para transmitir o sofrimento do povo palestino na Faixa de Gaza. Para isso, estamos intensificando o diálogo com instituições internacionais preocupadas com a

liberdade de imprensa e os direitos de jornalistas, com destaque para a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), para o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas e todas as organizações internacionais, incluindo federações e sindicatos de jornalistas aliados.

Como a morte de profissionais de imprensa na Faixa de Gaza repercute em outras regiões? Vimos que em muitos países, como nos Estados Unidos, houve muitas denúncias sobre o que está acontecendo. Esse apoio chega até vocês? Como vocês avaliam essa repercussão?

Musa Al-Shaer O enorme número de trabalhadores da imprensa palestina mortos é resultado do ataque das forças israelenses de ocupação, que visam diretamente esses profissionais em sua guerra criminosa contra nosso povo na Faixa de

A OCUPAÇÃO ISRAELENSE TEM COMO ALVOS DELIBERADOS OS JORNALISTAS PALESTINOS, NUMA TENTATIVA DE IMPEDIR A TRANSMISSÃO DA NARRATIVA DIRETA DO LOCAL DOS FATOS, REPORTANDO OS CRIMES

Gaza. O número de mártires jornalistas desde 7 de outubro até o momento em que escrevo estas palavras chega a 102 companheiros jornalistas, além de outros cerca de 30 trabalhadores da mídia. Esse número sem precedentes na história dos conflitos globais confirma que a ocupação israelense tem como alvo deliberado os jornalistas palestinos em sua agressão à Faixa de Gaza, numa tentativa de impedir a transmissão da narrativa palestina diretamente do local dos fatos, reportando os crimes da ocupação, o genocídio e o holocausto em curso contra o povo palestino na Faixa de Gaza.

O enorme número de mártires jornalistas num período recorde estimulou organizações de direitos humanos, sindicatos e federações aliadas a condenar a ocupação israelense, demandando que os autores desses crimes sejam responsabilizados. Isso também está relacionado a um amplo movimento em todo o mundo para denunciar a agressão israelense, apoiada pelos Estados Unidos e por alguns países da Europa ocidental. O Sindicato de Jornalistas Palestinos recebeu muitas mensagens de solidariedade e de apoio de diversas entidades, principalmente sindicatos, federações de jornalistas e organizações de direitos humanos preocupadas com a proteção de jornalistas e a liberdade de trabalho e de expressão.

Esse amplo movimento público de apoio e solidariedade constitui uma base forte para responsabilizar a ocupação e seus líderes pelos crimes contra o povo palestino e a imprensa palestina, e inevitavelmente terão um reflexo positivo no futuro. Os jornalistas palestinos e o Sindicato dos Jornalistas Palestinos agradecem muito a ampla campanha de solidariedade e apoio realizada por povos e companheiros jornalistas de todo o mundo pelos direitos do nosso povo.

Como você avalia a decisão da Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) de preparar ações legais contra o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e seu ministro da Defesa, Yoav Galant, pelo assassinato de jornalistas?

Musa Al-Shaer O Sindicato dos Jornalistas Palestinos trabalha constantemente com a FIJ e a considera um parceiro essencial no trabalho em todas as áreas

JORNALISTAS PALESTINOS NA FAIXA DE GAZA VIVEM EM CONDIÇÕES INSALUBRES E PERIGOSAS. OS LARES DE DEZENAS DELES FORAM DESTRUÍDOS, E ALGUNS PERDERAM AS VIDAS JUNTO COM OS FAMILIARES

relacionadas à liberdade de expressão e ao desenvolvimento da mídia e do jornalismo. O Sindicato dos Jornalistas Palestinos, em parceria com a FIJ, apresentou um dossiê sobre a morte de dois colegas mártires – Ahmed Abu Hussein e Yasser Murtaja (2) –, e em seguida a denúncia do assassinato da nossa colega, a mártir Shireen Abu Akleh (3) ao Tribunal Penal Internacional (TPI). Certamente as denúncias sobre os crimes da ocupação que levaram ao martírio de 102 companheiros jornalistas até agora, como resultado dos ataques diretos durante a agressão criminosa contra nosso povo na Faixa de Gaza, serão remetidas ao TPI também. Há ainda o fato de que alguns jornalistas foram atacados junto com as suas famílias. Portanto, a decisão da FIJ de preparar ações contra o primeiro-ministro Netanyahu e seu ministro da Defesa, Galant, sob a acusação de ataque e assassinato de jornalistas palestinos é muito importante e precisa chegar ao TPI o mais rápido possível, para que os autores dos crimes contra jornalistas palestinos sejam responsabilizados – já que o número de jornalistas assassinados pela ocupação israelense desde 2000 chega a 157, incluindo os 102 durante o ataque à Faixa de Gaza desde 7 de outubro de 2023.

Quantos jornalistas palestinos foram assassinados até agora? Quantos foram feridos? Há mutilados?

Musa Al-Shaer Além do martírio dos 102 colegas jornalistas palestinos durante a agressão criminosa na Faixa de Gaza, há mais de 10 colegas que sofreram ferimentos muito graves que os incapacitaram de se mover e trabalhar. Ainda estão aguardando transferência para receber tratamento no exterior. Apenas um deles conseguiu deixar a Faixa de Gaza, o correspondente da Al Jazeera Ismail Abu Omar. Sua perna direita foi amputada – além de sofrer outros ferimentos por todo o corpo – enquanto estava com seu colega, o fotógrafo Ahmed Matar, que foi ferido na cabeça num ataque direto de um drone israelense, enquanto cumpriam seu dever profissional e humanitário. Além disso, dezenas de colegas homens e mulheres sofreram ferimentos como resultado da contínua e bárbara agressão contra o nosso povo.

Quais as condições de trabalho dos jornalistas no conflito na Faixa de Gaza? Há uma ação sistemática para transformar jornalistas em alvos das operações militares?

Musa Al-Shaer Jornalistas palestinos na Faixa de Gaza, sob a atual agressão israelense, vivem em condições complexas, difíceis, insalubres e perigosas. Os lares e residências de dezenas deles foram destruídos; alguns perderam as vidas junto com seus familiares, como resultado de as forças de ocupação visá-los diretamente. Com relação aos que estão vivos, são forçados a fugir de suas casas e estão trabalhando atualmente dentro dos hospitais que restam ou de abrigos, ou ainda em tendas nas ruas nos arredores de hospitais que ainda estão operando parcialmente na Faixa de Gaza, tendo em vista a carência de condições básicas para a vida na Faixa de Gaza, como água, eletricidade e comida, e a completa destruição de toda a infraestrutura. ●

1) Declaração Balfour – Carta emitida em 2 de novembro de 1917 por Arthur James Balfour, secretário de Relações Exteriores do Reino Unido, atestando o compromisso britânico com o estabelecimento de uma nação judaica na Palestina. No período final da 1ª Guerra Mundial (encerrada em novembro de 1918), o Império Otomano, que dominava o Oriente Médio, estava em derrocada, e os britânicos, que seriam designados como a potência colonial na região, demarcavam com a Declaração um compromisso com o movimento sionista, cujo objetivo era criar um país para os judeus. A carta era endereçada ao banqueiro e político britânico Walter Rothschild, barão Rothschild, ligado ao movimento sionista (NDR).

2) Ahmed Abu Hussein e Yasser Murtaja foram mortos por forças israelenses em 2018, durante uma onda de manifestações ocorrida na Faixa de Gaza.

3) Shireen Abu Akleh foi assassinada por forças israelenses em 2022, na Cisjordânia, enquanto cobria um ataque a um campo de refugiados em Janin.

COJIRA

SEMELHANÇAS E CONTRASTES NA IMPRENSA NEGRA FEMININA DE SÃO PAULO

por Flavio Carrança



Silvia Nascimento tem 45 anos, é mãe de três filhos e é responsável pelo site Mundo Negro

Durante a cerimônia de entrega do Prêmio *+Admirados Jornalistas Negros e Negras da Imprensa Brasileira*, realizada em 13 de novembro de 2023, em São Paulo, despertou atenção a presença no pódio, entre os TOP 10, de duas jornalistas, líderes de veículos da imprensa negra: Semayat Oliveira, diretora de conteúdo do site *Nós, Mulheres da Periferia*, e Silvia Nascimento, CEO do site Mundo Negro. Entrevistas realizadas com ambas revelaram visões de mundo e concepções editoriais bastante diferenciadas, mas que mostram as múltiplas e diversas possibilidades de atuação nesse campo do jornalismo.

Mundo Negro

Silvia Nascimento tem 45 anos, é mãe de três filhos e formou-se em jornalismo pela PUC de Campinas, em 1998, com um TCC sobre a revista *Raça Brasil*, para ela um dos grandes lançamentos editoriais da história do jornalismo e da imprensa negra no Brasil. A internet fazia sua entrada nos meios de comunicação, alterando profundamente as maneiras como as pessoas se comunicavam em todo o planeta. Silvia aprofundou seu conhecimento sobre a nova ferramenta e a imprensa negra graças a uma viagem de intercâmbio para os Estados Unidos, onde conheceu de perto a mídia negra do país.

Estimulada por esse conhecimento, logo começaria a pensar em construir seu próprio veículo eletrônico, com custo bem mais baixo, uma vez que dispensaria a impressão em gráfica, e não precisaria contratar pessoas, já que é jornalista. A sorte também ajudou: “Felizmente, meu irmão (Valdomiro Martins) estava estudando computação, então já tinha o *webmaster*. Foi essa conjunção do nascimento da internet, o estudo sobre

questões raciais com foco em jornalismo e imprensa negra, com o momento. A internet no Brasil chegou entre 98 e 99 e eu me formei em 98. Foi realmente pegar a oportunidade, com conhecimento, com o irmão que tinha esse conhecimento técnico, e fazer o que ninguém tinha feito até então.”

Durante 13 ou 14 anos, Silvia tocou sozinha o projeto, fazendo todo o conteúdo, pesquisando, entrevistando pessoas, descobrindo eventos, com uma linha editorial, segundo ela, muito mais voltada à questão comunitária, mais política. No entanto, uma mensagem enviada por uma leitora desencadearia significativa alteração nesse âmbito. “Ela falou assim: olha, eu adoro o conteúdo do Mundo Negro, mas vocês só têm sobre coisas ruins que acontecem com nossa comunidade. E aquilo meio que bateu forte: eu falei: nossa, ela não tá errada, porque a gente tem uma contribuição para além das questões de combate ao racismo”.

A partir daí, Silvia começou a incluir outros assuntos na linha editorial: notícias sobre carreiras, negócios, entretenimento, beleza, comportamento. A ideia, segundo ela, é tentar tratar as pautas gerais a partir de uma perspectiva negra, “pra trazer um pouco mais de humanidade em nossa existência, por que se a gente falar só sobre racismo e preconceito, estaremos meio que limitando as nossas possibilidades editoriais. Acho que como pessoas negras a gente pode falar de tudo que quiser, desde que entenda que nossa experiência no mundo tem um recorte diferente.” Silvia conta que nos últimos anos começou a contratar jornalistas, na maioria mulheres, como prestadoras de serviços. A equipe tem quatro profissionais fixas e uns dez colonistas e dá preferência para negras e indígenas. A empresa não contrata pessoas brancas.

ACHO QUE COMO PESSOAS NEGRAS A GENTE PODE FALAR DE TUDO QUE QUISER, DESDE QUE ENTENDA QUE NOSSA EXPERIÊNCIA NO MUNDO TEM UM RECORTE DIFERENTE

Nós, Mulheres da Periferia

Não por acaso, no dia 7 de março de 2012, véspera do Dia das Mulheres, foi publicado na página *Tendências e Debates da Folha de S. Paulo* um artigo intitulado *Nós, Mulheres da Periferia*. Assinavam o texto cinco jovens brancas e negras, jornalistas ou estudantes de jornalismo: Bianca Pedrina, 27, moradora de Taipas; Jéssica Moreira, 20, de Perus; Mayara Penina, 21, de Paraisópolis; Semayat Oliveira, 23, de Cidade Ademar; e Patrícia Silva, 23, do bairro de Campo Limpo. Todas eram correspondentes do blog Mural, que depois se tornaria a Agência Mural das Periferias e que ainda mantém uma rede de correspondentes com o mesmo perfil.

Elaborada a cinco mãos, a matéria surgiu a partir de uma provocação da editora do blog, Izabela Moi (Moá), que perguntou se elas gostariam de fazer um

texto sobre o que significava ser mulher na periferia. A grande e inesperada repercussão fez Izabela lançar às autoras uma nova provocação: “A gente viu na época pelo Facebook – diz Semayat – a repercussão que teve: as mulheres compartilhando o texto e assinando como se fosse delas; o pessoal usando em sarau. E aí ela (Izabela) até provocou a gente: ó, tem uma coisa aí, tem um gargalo da comunicação que eu acho que vocês podem ocupar. E a gente nasce um tempo depois, em 2014, enquanto site, com essa perspectiva: fazer um jornalismo das mulheres negras e periféricas”.

Semayat lembra que, nessa época, a pauta do feminismo estava voltando muito à tona; era o mesmo momento em que estava bombando o site *Blogueiras Negras*, uma das influências das integrantes do coletivo, que tinham também, como referência maior desde a década de 90, Geledés – Instituto da Mulher Negra. Naquele período, entre 2013 e 2014, estava rolando uma articulação muito forte de mulheres, e outros veículos nasceram, como *Think Olga* e *AzMiná*. Segundo ela, ganharam força na época as denúncias de assédio, de estupro e acrescenta que o *Nós, Mulheres da Periferia* “nasce enquanto veículo muito cravado nas pautas que hoje são consideradas de gênero: a violência doméstica, a luta pela descriminalização do aborto, contra a violência sexual, e todos esses aspectos que sempre foram pautas prioritárias para nós”, mas observa que o site sempre fez o exercício de trazer o recorte de raça e classe, temática, segundo ela, nem sempre explorada em outros espaços de mídia.

O *Nós, Mulheres da Periferia* se define como uma empresa e tem atualmente três repórteres. O site passou por muitas reformulações editoriais nos últimos anos, mas nunca abandonou o compromisso de sempre entrevistar mulheres: “A gente tem essa ordem: mulheres negras, mulheres da periferia, ou mulheres, sempre nessa ordem; então pra toda pauta a gente vai atrás de fontes (que sejam) mulheres negras; caso não encontre, o que é muito raro, podemos entrevistar mulheres não brancas, mas da periferia, ou mulheres.”

EM FOCO

PASSADO E PRESENTE DO JORNALISMO NEGRO



© ARQUIVO PESSOAL

CO-FUNDADORES DA COJIRA-SP, **FLAVIO CARRANÇA** E **ROSANE BORGES** FORAM HOMENAGEADOS EM EVENTO QUE PREMIOU MAIS DE 50 JORNALISTAS NEGROS

por Camila Silva e Thais Folego Gama



© ARQUIVO PESSOAL

Um provérbio africano diz que “quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens”. Ele evoca, entre outras interpretações, que uma história individual se confunde com a memória coletiva tanto do presente quanto do passado. Foi o que se viu na noite de premiação da primeira edição dos +Admirados Jornalistas Negros e Negras da Imprensa Brasileira, organizado pelo site Jornalistas&Cia.

Os 50 jornalistas premiados tiveram seus caminhos pavimentados pelos que vieram antes, ali representados por dois importantes decanos do jornalismo: Flavio Carrança e Rosane Borges, homenageados na premiação com o Troféu Luiz Gama pelas suas trajetórias de décadas de luta pela equidade racial dentro e fora das redações e das universidades.

“Esse prêmio não é só meu, ele é das vozes que nos antecedem. Das mulheres negras silenciadas. Esse prêmio é do nosso presente”, disse Rosane no discurso de agradecimento no evento de entrega do prêmio, em novembro de 2023. “Não é sobre histórias individuais de superação. Novembro é negro porque vários de nós decidiram resistir, não morrer.”

Rosane Borges é jornalista, pós-doutorada em ciências da comunicação, professora colaboradora do grupo de pesquisa Estética e Vanguarda (ECA-USP), integrante do grupo de pesquisa Teorias e práticas feministas (Unicamp/USP), conselheira de honra do grupo Reinventando a educação. Autora de diversos livros, entre eles: Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro (2004), Mídia e racismo (2012) e Esboços de um tempo presente (2016).

EM FOCO

Rosane e Flavio são cofundadores, juntamente com outros jornalistas negros, da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial de São Paulo (Cojira-SP), órgão consultivo do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo. Fundado em 2001, ele serviu de inspiração para a criação de outros órgãos semelhantes pelo país. “Essas comissões foram ferramentas importantes para expandir a discussão sobre o impacto da questão racial no jornalismo e entre jornalistas. As Cojiras foram pioneiras nesse sentido”, conta Flavio.

Flavio é jornalista há mais de 40 anos, com passagem por diversas redações de rádio e TV, jornais e revistas, revisor, integrou a diretoria do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, onde coordenou a Cojira-SP por anos. É co-autor dos livros *Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro* (2004), junto com Rosane Borges, e *Diversidade nas Empresas & Equidade Racial* (2017), com Cida Bento.

A tarefa de debater raça dentro do jornalismo não foi (e ainda hoje não é) fácil. Foi preciso incluir a temática racial na comunicação e no debate público diante de um contexto social e do campo bastante árido. O mito da igualdade racial se reflete no jornalismo, tanto nos estereótipos negativos associados à população negra como na invisibilidade desta nas pautas jornalísticas e nas redações midiáticas.

Há, ainda, quem negue que o problema sequer exista, o que torna o combate ao problema ainda mais difícil. Exemplo disso é o livro “Não somos racistas”, publicado em 2006 por Ali Kamel, à época diretor de jornalismo da Globo, maior emissora de televisão do país. “Desde que surgiu, o jornalismo é uma forma minimalista de ler e dizer o mundo, tem um papel primordial de qualificar o debate público, porque forma a opinião pública”, afirma Rosane em entrevista ao Unidade.

Troféu Luiz Gama

A luta por representatividade negra no fazer e no reportar no jornalismo é antiga e o nome que leva a premiação concedida a Flavio e Rosane se refere a um de seus maiores ícones. O abolicionista e também advogado Luiz Gama é personagem central da história da imprensa no Brasil e inscreveu seu nome entre os pioneiros da comunicação.

“Dar um prêmio com o nome de Luiz Gama é sinalizar que, de fato, a gente precisa primeiro recolher aquilo que a empresa colonial tentou soterrar, tentou invisibilizar, tentou esquecer e trazer pra superfície. O segundo é a gente dizer que não pactuamos com o jornalismo racista, um jornalismo que subscreve o racismo”, diz Rosane.

Gama foi fundador do primeiro jornal ilustrado da cidade de São Paulo, chamado *Diabo Coxo*, em 1864, e colaborador regular de diversos periódicos. Mas seu grande pioneirismo na comunicação foi

Rosane Borges fez um discurso que enalteceu a trajetória de luta dos jornalistas negros durante sua premiação



© DIVULGAÇÃO

“

O MITO DA IGUALDADE RACIAL SE REFLETE NO JORNALISMO, TANTO NOS ESTEREÓTIPOS NEGATIVOS ASSOCIADOS À POPULAÇÃO NEGRA COMO NA INVISIBILIDADE DESTA NAS PAUTAS JORNALÍSTICAS E NAS REDAÇÕES

UM PRÊMIO COM O NOME DE LUIZ GAMA SINALIZA QUE PRECISAMOS RECOLHER O QUE A EMPRESA COLONIAL TENTOU INVISIBILIZAR E TRAZER PRA SUPERFÍCIE, E DIZER QUE NÃO PACTUAMOS COM O JORNALISMO RACISTA, QUE SUBSCREVE O RACISMO

a forma como modificou a representação do sujeito negro na mídia, segundo a jornalista Cinthia Gomes, que analisou no mestrado artigos de Gama publicados em diversos periódicos entre 1864 e 1882. Também membro da Cojira-SP, Cinthia mostra que o discurso de Gama busca promover uma mudança no imaginário social, desnaturalizando a escravidão e restituindo a humanidade ao sujeito negro.

“Luiz Gama inaugura uma tensão dicotômica que perdura até os dias de hoje, entre a sub-representação, com a associação de imagens negativas ou mesmo a ausência da população negra no noticiário, e o surgimento dessa figura re-humanizada, distante da redução e da estereotipia, um novo discurso possibilitado pela insurgência de uma escrita e de uma voz negra”, escreve Cinthia em sua dissertação de mestrado “O que era preto se tornou vermelho: representação, identidade e autoria negra na imprensa do século XIX por Luiz Gama”.

“Luiz Gama foi um abolicionista, advogado, um intelectual, escritor e leitor de um país cruel e desigual que permanece. É o passado que não passa. Então, receber um prêmio com esse nome é alegria, é lisonjeiro de um lado, mas também é desafio, é responsabilidade e compromisso”, diz Rosane. Para ela, um prêmio com esse nome tem o papel de tensionar o que a gente vem designando de interesse público. “Venho insistindo muito: o que é interesse público? O que é mais de interesse senão a alta mortalidade da juventude negra que nos afeta enquanto nação?”, questiona Rosane, para quem o prêmio renova e reposiciona essas questões.

Flavio também ressaltou a dimensão coletiva que a premiação tem. “Tem um lado pessoal do reconhecimento, mas, por outro, ele é o reconhecimento de uma atividade coletiva. Só foi possível merecer o prêmio porque o organismo do qual eu participei todos esses anos [Cojira-SP] ganhou uma expressão que foi reconhecida, da importância do trabalho deste coletivo dentro do qual a gente está.” Em seu discurso de premiação, Flavio citou todos os fundadores da Cojira-SP: Amélia Nascimento, Benedito Egydio dos Santos, Esmeralda Ribeiro, Francisco Soares, Maurício Pestana, Oswaldo de Camargo, Oswaldo Faustino, Paulo Vieira Lima, Ricardo Alexino Ferreira e Ronaldo Junqueira. Rosane Borges ingressou no grupo logo após sua fundação.

Cojira e Luiz Gama

A Cojira-SP tem também um papel importante no resgate da memória de Luiz Gama como um comunicador e de ressaltar a sua importância histórica para o jornalismo brasileiro. “Foi uma ideia feliz essa de dar o nome de Luiz Gama para o prêmio. Vale lembrar que foi iniciativa da Cojira trazer para o SJSP a figura do Luiz Gama e a proposta de reconhecê-lo como jornalista atuante em São Paulo, que é um dos aspectos dos inúmeros que fazem Luiz Gama importante. Atesta a importância do que o prêmio assumiu, o exemplo que ele passa para a categoria e para a sociedade de uma disposição dos jornalistas de atuarem no sentido da promoção da equidade racial”, diz Flavio.

Em 2018, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo reconheceu Luiz Gama como jornalista atuante no estado. Uma placa de honra ao mérito foi inaugurada, no mesmo ano, no Auditório Vladimir Herzog, localizado na sede do sindicato, no centro de São Paulo. Em novembro de 2015, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) já havia concedido a ele o título de advogado. Autodidata, Gama aprendeu direito e atuou como defensor e jornalista, tendo deixado um legado de luta pelo fim da escravidão e pela proclamação da República. Ele libertou, ao longo da vida, mais de 500 escravos.

Premiação vs realidade

Em um país com uma população majoritariamente negra, 56% segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a presença de jornalistas negros nas redações, e consequentemente nas premiações, ainda é escassa. De acordo com pesquisa do próprio *Jornalistas&Cia*, que organizou a premiação, jornalistas brancos são 77,6% dos profissionais nas redações do país, mais que o triplo de pessoas negras, que somam 20,1%, enquanto amarelas representam 2,1% e indígenas não chegam a 1%.

Outro levantamento, este realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa do Instituto de Estudos Sociais e Políticos, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GEMAA/IES-P-UERJ), mostra que as redações dos três maiores jornais do país (*Estadão*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*) são formadas em sua maioria por homens brancos e com poucas pessoas negras ou até nenhuma



© DIVULGAÇÃO

O jornalista Flavio Carrança foi um dos fundadores Cojira, órgão do SJSP, que há 20 anos luta pela promoção da igualdade racial

em seus editoriais, caso do Estadão.

A organização de uma premiação exclusiva para destacar o trabalho de profissionais negros do jornalismo é um marco, mas também evidencia como ainda somos poucos nas premiações gerais. Exemplo disso é a própria filha de Flavio, a jornalista Thaís Carrança, que atualmente trabalha na BBC News Brasil. Ela foi uma das poucas mulheres negras indicadas ao prêmio +Admirados Jornalistas de Economia, Negócios e Finanças.

20 anos depois

Flavio e Rosane também trabalharam juntos na organização do livro “Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro”. Lançado em 2004, o livro trata da representação da imagem dos negros e de outras populações historicamente minorizadas nos meios de comunicação, além de refletir sobre a desigualdade racial no campo profissional do jornalismo. “O livro é uma coletânea de textos variados sobre os aspectos da incidência do racismo no trabalho do jornalista e no produto do trabalho de jornalismo”, explica Flavio.

Fazendo uma reflexão sobre o que mudou nesses 20 anos, Rosane avalia que parte das expectativas em relação ao acesso à universidade e oportunidades no mercado de trabalho foram alcançadas, mas muitas reivindicações ainda seguem atuais. “A gente avançou: temos um cenário de mais negros na comunicação de jornalismo e em territórios de visibilidade, como na tela da TV. Conseguimos fazer da temática do racismo no jornalismo uma esfera, um campo disciplinar de pesquisa teórico que traga o debate racial não como apêndice, mas estrutural do currículo”, avalia Rosane.

Ela acredita, porém, que a pauta antirracista ainda é vista como proselitismo político ou ativismo. “Mesmo com as conquistas que a gente teve, algumas coisas ainda são inadmissíveis. O debate contemporâneo sobre mudança, sobre questões de pluralidade, diversidade e inclusão, não pode ser visto como bandeira política, como proselitismo, mas como vértice, com uma coluna central, a estrutura que pode devolver ao jornalismo o que ele efetivamente deveria ser: uma atividade que visa cobrir os movimentos do mundo, pensar o mundo a partir da sua miséria. E o racismo continua sendo a grande miséria do mundo e a grande mi-

séria brasileira”, completa a professora.

Flavio avalia que o que poderia ter acelerado a inclusão de jornalistas negros na profissão seria a adoção de medidas mais concretas por parte dos sindicatos dos jornalistas. Baseado na sua experiência e em pesquisas que desenvolveu juntamente com Cida Bento no Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), Flavio observa que para avançar na questão racial outros sindicatos encaminham a questão por meio da aprovação de cláusulas de promoção de equidade racial nos acordos coletivos.

“Foi um dos caminhos que se tomou para tentar combater a desigualdade e os impactos do racismo em diversas profissões. Isso entre os jornalistas não aconteceu”, avalia ele, que faz uma autocritica sobre o papel da Cojira na proposição e no fomento a esse tipo de ação. “Mas a gente vem aí num quadro de retirada de direitos, de fragilização dos sindicatos, de todos os retrocessos dos governo Temer e Bolsonaro. Algumas empresas chegaram a desenvolver iniciativas próprias, como a *Folha de S. Paulo* com o programa de trainees negros. Não temos uma ideia exata do resultado efetivo, mas de fato eles criaram”, afirma.

Gênero e raça

As mulheres negras se destacaram na premiação: eram 35 dentre as 52 pessoas homenageadas. Elas também dominaram o topo da premiação, ocupando oito posições no top 10, inclusive os três nomes do pódio: Zileide Silva, da Rede Globo, seguida por Maju Coutinho, também da Rede Globo, e Semayat Oliveira, do Nós, Mulheres da Periferia. A jornalista Rebeca Borges, do portal Metrôpoles, foi agraciada com o Troféu Tim Lopes como Revelação do Ano. Já o Troféu Glória Maria, que destaca uma personalidade do ano, foi entregue ao ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida.

Na base qualitativa da pesquisa realizada pelo Jornalistas&Cia, as jornalistas relataram enfrentar mais barreiras ao longo de suas carreiras por serem mulheres e negras. Quando se traça um recorte de gênero e raça na pesquisa do GEMAA, os três maiores jornais do país revelam uma tendência em comum: a maior parte das autorias das reportagens de *Estadão*, *Folha* e *O Globo* são assinadas por homens brancos e, na sequência, por mulheres

“

AS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ACESSO À UNIVERSIDADE E OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO AVANÇARAM, PORÉM, A PAUTA ANTIRRACISTA AINDA É VISTA COMO PROSELITISMO POLÍTICO OU ATIVISMO

QUANDO AS OPORTUNIDADES SÃO DADAS, AS PESSOAS FAZEM TRABALHOS RELEVANTES. ACHO QUE EXISTE ESPAÇO PARA QUE SURJAM NOVOS VEÍCULOS NOS QAIS PROFISSIONAIS NEGROS E NEGRAS OCUPEM LUGARES DE DESTAQUE NAS DIVERSAS REDAÇÕES

brancas. Em menores proporções, estão os homens negros e as mulheres negras, respectivamente. Os indígenas não aparecem nas estatísticas, pois apenas uma autoria desse grupo foi identificada na pesquisa, evidenciando a disparidade entre o jornalismo brasileiro e a composição racial da população brasileira.

Em outras premiações do Jornalistas&Cia, como +Admirados Jornalistas de Economia, Negócios e Finanças e o +Admirados de Saúde, Ciência e Bem-estar, se observa ainda poucas mulheres negras indicadas.

“Temos esse papel fundamental de racializar o debate, de feminizar o debate e apresentar, pelos indicadores de ausência e de invisibilidade, de rebaixamento das mulheres e particularmente das mulheres negras, propostas de ações afirmativas que vão desde política de cotas até tantas outras ações para que a comunicação e o jornalismo brasileiro realmente reflitam a demografia desse país”, diz Rosane.

“Acredito que nos anos 90, as ONGs negras apontavam muito a comunicação e a gente tem um movimento crescente de racializar, de apontar a ausência de mulheres nas redações em posições de poder. E esse debate cresceu muito a partir da Conferência Mundial contra o Racismo, em 2001, que teve um tópico sobre comunicação”, lembra.

O futuro do jornalismo

Um trecho marcante do discurso de Rosane Borges foi sobre futuro e novas gerações.

“Tem um ditado bakongo que diz que nós que estamos aqui somos filhos e filhas de quem nos antecedeu. Mas nós não somos gêmeos idênticos dos nossos pais ancestrais. Assim como nossos filhos que virão no futuro, que não são filhos biológicos, eles engendraram gestos iguais aos nossos. Eles ecoaram nesse jogo de temporalidades africanas”.

O cenário é desafiador para a profissão: redações cada vez menores, o efeito das big techs na reconfiguração da distribuição e remuneração do campo, indústria da desinformação, ataques a jornalistas e à liberdade de imprensa. É nesse contexto que a luta pela maior representatividade de profissionais negros e disputa por posições de liderança se dá.

“Quando as oportunidades são dadas, as pessoas fazem trabalhos relevantes. Acho que existe espaço para que surjam novos veículos nos quais profissionais negros e negras ocupem lugares de destaque nas diversas redações e outros espaços de trabalho de jornalista, mas nada disso está garantido”, diz Flavio.

“Essa luta é contínua porque nós temos pessoas negras, inteligência negra, mãos negras tentando pensar o país e oferecer um projeto minimamente decente”, completa Rosane. ●

FOTOJORNALISMO

SOBREVIVENTES EM UMA GUERRA URBANA

por Márcia Folleto



Balas e fragmentos retirados de pacientes no Hospital da Posse, em Nova Iguaçu (acima); Alessandro da Silva Ribeiro, bacharel em Direito, atingido por uma bala no braço pela polícia (ao lado)

É incrível o poder das imagens e das histórias que capturam. Márcia Folleto, com sua sensibilidade e dedicação, não apenas documenta, mas também revela os aspectos mais profundos e humanos por trás de suas lentes. Em 'Mutilados', trabalho vencedor na categoria fotojornalismo no 45º Prêmio Vladimir Herzog, ela não se limita a mostrar a realidade crua, mas vai além, buscando trazer à luz a humanidade por trás de cada estatística, de cada vítima.

Essas histórias de vida, marcadas por traumas profundos e desafios intransponíveis, são um testemunho da resiliência humana. É comovente perceber como, mesmo diante de circunstâncias tão adversas, as pessoas mantêm sonhos simples, porém profundamente significativos. Sonhos que para muitos podem parecer banais, mas que para essas vítimas representam a liberdade, a normalidade e a possibilidade de desfrutar das pequenas alegrias da vida.

O trabalho árduo por trás desse projeto jornalístico, desde a concepção da pauta até a sua execução, revela não apenas a dedicação da equipe envolvida, mas também a importância de trazer à tona temas tão sensíveis e urgentes. A busca por dados, as entrevistas nos hospitais e a cuidadosa composição das narrativas são reflexos do comprometimento em contar histórias que muitas vezes são esquecidas ou negligenciadas pela sociedade.

Esse tipo de jornalismo, que vai além das manchetes e estatísticas, é crucial para despertar consciências, provocar reflexões e, quem sabe, motivar mudanças. São projetos como esse que nos lembram da necessidade de compaixão, empatia e da busca por soluções para os problemas que afetam tantas vidas em nossa sociedade.

(Juliana Almeida)

Schinaidler Mariano da Silva, manicure, atingida por um tiro de fuzil na saída de um baile funk em São Gonçalo (à dir.); Luis Rodrigo Costa, estudante, perdeu a mão ao confundir uma granada com um brinquedo aos 4 anos (abaixo)



Uender Freitas, 34 anos, ex-policia atingido na perna por um tiro de fuzil durante operação em Madureira. Hoje é atleta (à dir.); Jorge Araújo, despachante, teve a perna arrancada por um tiro de fuzil no portão de casa (abaixo à esq.); Leandro Oliveira, 39 anos, PM reformado, atingido por um tiro na cabeça disparado por assaltantes (abaixo à dir.)



BOLETIM

SJSP assina Convenção Coletiva de Rádio e TV

Sindicato dos Jornalistas assinou a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) de 2023/2024, que garante reposição com aumento real para a categoria e a reconquista da cláusula do Quinquênio.

🔗 <https://bit.ly/48lqN08>

Campanha de Jornais e Revistas da Capital inicia no final de março

Jornalistas que trabalham nas redações de jornais e revistas da cidade de São Paulo retornarão à mobilização por direitos. A pré-pauta está no site e a assembleia já foi convocada.

🔗 <https://bit.ly/48VzvlQ>

Dossiê Genocídio em Gaza ganha destaque no site do SJSP

Com o objetivo de esclarecer a categoria e dar informações sobre o massacre provocado por Israel contra a população Palestina, o SJSP criou um espaço para a publicação de notícias e informações buscando viés contra hegemônico e solidário aos Palestinos.

🔗 <https://bit.ly/dossiegenocidioemgaza>

Fenaj repudia ataque de Milei à comunicação pública argentina

Em outro ataque ao povo argentino, o governo de extrema direita fechou a Agencia Nacional de Notícias e Publicidade Télam, fundada há quase 80 anos e que foi o principal órgão de comunicação público da Argentina.

🔗 <https://bit.ly/3V4b2ro>

Repórter do Futuro abre inscrições para sua 16ª edição

O projeto está com inscrições abertas para o módulo “Descobrir São Paulo, Descobrir-se Repórter” até o próximo dia 31 de março. Promovido pela OBORÉ em parceria com a Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo, o projeto destina-se a estudantes universitários de graduação.

🔗 <https://bit.ly/4ag3dDh>

Entidades pedem ao STF lista de jornalistas espionados

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP), juntamente com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), protocolou no dia 23 de fevereiro pedido ao Supremo Tribunal Federal de divulgação dos nomes dos jornalistas que foram espionados ilegalmente pela chamada ‘Abin paralela’.

🔗 <https://bit.ly/3UUY6bH>

RESENHA

Morte interdita ganha voz na literatura

por João Marques

“Durante muito tempo, a forma de lidar com o adoecimento e a possibilidade da morte era acompanhada por uma perspectiva chamada de morte domada, domesticada, familiar: era conhecida por todos e acontecia em domicílio. Muitas doenças não tinham cura, e a presença de certos sintomas, além da piora do quadro do enfermo, indicavam a proximidade da morte; era uma morte anunciada, e as pessoas tinham espaço para manifestar e compartilhar seu pesar, tristeza ou outros sentimentos que se fizessem presentes.” (Maria Julia Kovács, em posfácio para uma edição do livro, *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói)

Publicada pela primeira vez em 1886, a novela do escritor russo também trazia elementos dessa morte domada, mas já apontava para o que estava por vir: “a morte suja, degradante, da qual não se pode falar: a morte interdita”. Morrer é o nosso maior medo, falar do assunto transformou-se em tabu e a literatura contemporânea vem suprindo esse déficit de palavras.

Entre os muitos títulos lançados, que tratam do tema, há três relevantes, publicados no ano passado: *Antes do silêncio*, do jornalista Rogério Pereira, em que o narrador fala da doença terminal da mãe, da rotina de hospitais e exames e, de forma prática, mostra suas incertezas e angústias

diante do fim. Como em Tolstói — “Morreu Ivan Ilitch.” —, a morte aparece logo na primeira página do livro: “A mãe morreu.”

Já no ensaio biográfico *O que é meu*, o sociólogo José Henrique Bortoluci parte de entrevistas com o pai, acometido por um câncer, que durante cinquenta anos trabalhou como caminhoneiro e conta a história recente do país e da própria família. A doença do pai é um dos fios condutores da narrativa. O livro foi lançado em março, o pai morreu depois, no final de novembro, e a *Folha de S. Paulo* publicou um obituário, no início de dezembro, escrito pelo próprio autor.

O outro lançamento é a autoficção *As pequenas chances*, (Todavia, 208 págs.), de Natalia Timerman. A narradora Natalia encontra, por acaso, o médico de cuidados paliativos que tratou do seu pai — já morto — e, em fluxo de consciência, começa a contar a história. A narrativa é construída em diversos planos, intercalados: a doença e a morte do pai; o esforço da irmã em voltar ao Brasil e encontrar o pai vivo — plano esse narrado em terceira pessoa, a partir das mensagens que a autora trocava com a irmã; os rituais do luto judaico; e a viagem para a Ucrânia, a fim de reconstruir a história da família.

“Uma das dores do luto é se deparar não apenas com o fim da vida, mas com o fim definitivo da história, que não pode ganhar do futuro novos significados e versões, apenas do passado. Então buscamos novas versões do passado como se fosse um jeito de a história continuar.”

Natalia Timerman é médica psiquiatra, mestre em psicologia e doutora em literatura. Além desse livro, publicou *Desterros: histórias de um hospital-prisão* — relatos de sua experiência como psiquiatra do Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário de São Paulo (CHSP) —, a coletânea de contos *Rachaduras* e o romance de estreia *Copo vazio*. ●

DICAS DE LEITURA

Sobre O Que Não Falamos

Ana Cristina Braga Martes - Editora 34, 200 págs.

Pré-adolescente criada pelos avós durante os anos da ditadura, romance de formação analisa problemas da sociedade brasileira, como injustiça, violência contra mulheres e desigualdades de raça e gênero.

Vida ao Vivo

Ivan Angelo - Cia das Letras, 296 págs.

Sem publicar romance desde *Amor?*, premiado com o Jabuti em 1996, novo livro mistura humor e suspense, faz alusões a personagens e eventos da vida real e revela questões mal resolvidas da história do Brasil.

Exu-Mulher e o Matriarcado Nagô

Claudia Alexandre - Ed. Aruanda, 464 págs.

Livro insere debate inédito sobre as religiosidades afro-brasileiras e traz registros das experiências de mulheres negras, que resistiram as opressões, para manter suas práticas ancestrais.

Abaixo a Vida Dura

Cadão Volpato - Ed. Faria e Silva, 224 págs.

Militante da Libelu, jornalista, escritor e músico, realiza desejo antigo, mistura memória e ficção e conta a história do movimento estudantil na luta contra a ditadura, tendo como clímax, a invasão da PUC, em 1977.

Longe do Ninho

Daniela Arbex - Intrínseca, 304 págs.

Autora, referência no jornalismo investigativo, já publicou *Arrastados* (Brumadinho), *Todo Dia a Mesma Noite* (boate Kiss) e neste livro, investiga a catástrofe que provocou a morte de dez meninos no CT do Flamengo.

© RUI MENDES_DIVULGACAO



Racionais MC's composto por Edi Rock, KI Jay, Ice Blue e Mano Brown, fundado em 1988 na cidade de São Paulo

DICAS DE FILMES, SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS

por Cineclube Vladimir Herzog

Eu não sou uma Bruxa

Rungano Nyoni

(Reino Unido, França e Zâmbia, 2017)

Ficção com jeito de documentário. Para se inspirar, diretora passa um mês em acampamento de bruxas, em Ghana, e conta uma história que ainda acontece: prisão de mulheres consideradas bruxas por suas comunidades. ● MUBI

Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo

Juliana Vicente (Brasil, 2022)

Gravado ao longo de trinta anos, documentário segue o grupo mais influente do rap nacional, mostra a sua origem e ascensão e traz imagens inéditas de Mano Brown, KL Jay, Ice Blue e Edi Rock. ● Netflix

Rustin

George C. Wolfe

(EUA, 2023)

Filme conta a história de Bayard Rustin, gay e ativista dos direitos civis, que superou obstáculos e ajudou Martin Luther King Jr. a organizar a Marcha sobre Washington, em 1963. ● Netflix

Legalize Já - Amizade Nunca Morre

Johnny Araújo e Gustavo Bonafé

(Brasil, 2019)

Filme conta a história da fundação do Planet Hump, da amizade de Marcelo D2 com Skunk e da importância do parceiro, morto precocemente em 1994, para o sucesso da banda. ● Netflix

Baseado em Fatos Raciais

Fab 5 Freddy (EUA, 2019)

Narrado pelo próprio diretor, lenda do hip-hop, e com depoimentos de artistas, ativistas e de famílias injustiçadas, documentário denuncia a lógica racista e perversa da criminalização da maconha nos EUA. ● Netflix

MEMÓRIA



© REGINA VILELA / MAIO DE 1998

David de Moraes foi eleito presidente do Sindicato em março de 1978, assumindo o mandato de 1978 a 1981

Nós, amigos de David de Moraes

Por Vicente Alessi, filho*

Nós, amigos de David, temos profundo orgulho de que ele tenha tido relação com nossas vidas em algum instante. A maioria de nós entrou na sua vida mais recentemente, em meados dos anos 70, pouco mais, pouco menos, quando o MFS, Movimento de Fortalecimento do Sindicato, criado em 1974 para depor pelo voto os pelegos da diretoria de nosso Sindicato, ainda era uma associação de jornalistas respeitável. Logo depois, em janeiro de 1978, David foi escolhido pela Convenção candidato à presidência da entidade e nós e tantos outros o elegemos. A Convenção, no caso, foi a reunião de representantes eleitos em quase todas as redações do Estado de São Paulo exatamente para, de maneira democrática, deferir uma chapa integral de candidatos.

Nós, os amigos mais recentes de David, não temos, conosco, nenhum companheiro seu de trabalho da época em que assumiu o primeiro emprego jornalístico, em 1957, como revisor na Empresa Folha da Manhã. Nem alguém que tenha crescido com ele em Ibiúna, onde nasceu em 15 de maio de 1936. Ou que o tenha acompanhado durante seus anos no Seminário do Ibaté, em São Roque. Cinco anos depois, quase aos 18 anos, afinal descobriu que o sacerdócio não era vocação sua. E não sabemos que amigos o acompanharam rumo à aventura de viver na Capital, onde David chegou em 1954, ano do Quarto Centenário.

Nós, amigos de David, também não temos testemunhas do desapontamento que certamente tomou conta de si quando soube que a boa formação que recebera em São Roque não era reconhecida como ensino médio apto a prestar os exames para a faculdade: precisou prestar os três anos de curso clássico para cumprir o vestibular na Faculdade de Direito da USP.

E, que se saiba, nenhum destes amigos de David testemunhou seu casamento

com a professora Maria Francisca, em 1961. Sempre a chamamos de Chica. Sílvia nasceu em 1961 e David Júnior em 1963. David concluiu o curso de direito em 1964 e nunca foi advogado: optou pelo jornalismo militante.

Não sei se alguns de nós, os amigos de David, acompanharam seu período na *Folha*, que deixou em 1969 – doze anos ali –, ao se transferir para a Editora Abril. Mas Aroldo Chiorino seria um destes: foi editor de David em Esportes. Na Abril, onde ficou até 1988, integrou o grupo de revistas técnicas e tornou-se o primeiro editor da celebrada *Melhores e Maiores de Exame* – para esta fase alguns de nós, amigos de David, já somos testemunhas.

Muitos de nós, os amigos, o escolhemos como candidato na Convenção e votamos nele para presidente de nosso Sindicato. E demos integral apoio à sua administração por justa e democrática – demos apoio a David de Moraes, umas das mais justas pessoas que nossas lembranças guardam.

E é neste contexto que nós, os amigos de David, entendemos a saga do pré e do pós-greve, a greve de 1979, uma greve que foi da categoria dos jornalistas profissionais, e não de David. Cremos que aquela diretoria tomou atitudes como rigoroso reflexo das aspirações da maioria. E o que ganhamos com isto? Disse Geraldo Mayrink: “Ganhamos vergonha na cara”.

David, nosso amigo David, foi um ativista da fundação do Partido dos Trabalhadores. Trabalhou na administração de Luiza Erundina. E na assessoria de imprensa de José Eduardo Cardozo na Câmara dos Vereadores. Aposentou-se em 2003, assistimos nós, amigos de David, que dedicou sua atenção ao xadrez, à leitura, à natação e aos netos. Nós o vimos perder David Júnior para a leucemia em 2018, e Chica para o Alzheimer em 2020.

Morreu em 14 de janeiro de 2024, de um câncer de próstata: não quis passar por tratamentos invasivos aos 87 anos e, “lúcido, escolheu não brigar mais esta depois de ter enfrentado inúmeras lutas durante sua vida”, como escreveu a filha Sílvia.

Longa vida ao nosso amigo companheiro David de Moraes. Presente! ●

* Vicente Alessi, filho é jornalista profissional, diplomado pela Cásper Líbero. É sócio e conselheiro da AutoData Editora.

CONHEÇA OS TIPOS DE MENSALIDADE DO SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SP

PROPORCIONAL

para jornalistas com vínculo empregatício (CLT ou estatutário)

1% DO SALÁRIO com TETOS de
R\$ 60 para o Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 80 para a Capital

FIXA

para jornalistas sem vínculo
R\$ 40 Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 60 Capital

SOLIDÁRIA

Quantia voluntária com valor suplementar

SINDICALIZE-SE: <https://sjsp.org.br/pagina/sindicalizacao-online>
MAIS INFORMAÇÕES: atendimento@sjsp.org.br ou (11) 94539-9699

COLUNA DO JUCA



por Juca Kfourri

A PALAVRA É O QUE É

SE O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA FAIXA DE GAZA NÃO PODE SER CHAMADO DE GENOCÍDIO, O QUE É GENOCÍDIO?

De uns tempos para cá as palavras passaram a provocar temor tamanho que as pessoas, jornalistas incluídos, começaram a evitá-las.

Algumas, ainda bem, caíram em desuso por politicamente perversas, como denegrir.

Outras por bobagem e ignorância sobre a origem, como criado-mudo, porque seria função de escravos segurar a jarra d'água para os donos da casa-grande enquanto estes dormiam.

Ora, imagine se os escravagistas tinham coragem de dormir com a presença de tamanha ameaça.

Como se vê o politicamente correto comete exageros.

O que não se aplica às palavras, evitadas mais pelos politicamente incorretos e/ou desonestos mesmo.

Xenófobo é uma delas.

Do que chamar um cartola do futebol que xinga o treinador do clube rival de “português de merda”?

Ou um torcedor que grita “macaco” para o jogador adversário? É demasiado chamá-lo de racista?

“Sua bicha desgraçada” é frase de alguém que não seja homofóbico, provavelmente para encobrir seus desejos mais recônditos?

Quem briga no trânsito e grita que “só podia ser uma mulher mesmo” é o quê? Reles machista ou porco misógino?

Nenhuma das alternativas?

Ora, tenha dó. Ambas as duas — como diria Luís de Camões que um dia escreveu: “De ambos os dois a fronte coroada”.

Se você veio aqui saiba, e não fique com raiva, que se trata apenas de um nariz de cera, à guisa de introduzir o que realmente importa.

Se o que está acontecendo na Faixa de Gaza não pode ser chamado de genocídio, o que é genocídio?

Se Benjamin Netanyahu não é genocida é o quê?

Se não é um terrorista com muito mais poder de fogo que os do Hamas o que é o primeiro-ministro de Israel?

Por que temer chamar Daniel Ortega de ditador da Nicarágua? A Jovem Pan deixou de ser uma emissora conservadora para se transformar em veículo de extrema-direita, propagadora de notícias falsas, ou é mentira?

Aqueles comunicadores que de lá foram postos para fora são meros direitistas ou foram parte da intentona golpista que naufragou no dia 8 de janeiro?

As palavras foram inventadas para tentar descrever com o máximo de precisão possível aquilo que está sob o sol.

Suavizá-las as trai.

O nome das coisas é o nome das coisas.

Vamos voltar a dar o nome aos bois? ●

TRAÇO LIVRE | por Vitor Massao



VITOR MASSAO começou no design gráfico e na comunicação comunitária. Hoje atua como educador, facilitador gráfico (no Coletivo Entrelinhas, grupo com participação ativa em políticas públicas, meio ambiente, direitos humanos e comunicação), ilustrador e chargista com trabalhos publicados no Instituto Update e na revista *piauí*. Vencedor do 45º Prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo e Direitos Humanos na categoria artes.